

## CAPÍTULO II

### A FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA POR DENTRO DA GUERRA

“HOSPITAES DE SANGUE – 9ª e ultima visita – Enquanto lutávamos com os Canudos somente, tínhamos alguma esperança de victoria; mas, depois que aos Canudos *uniram-se as bexigas...* com mortífero cortejo de beribéri, dysenteria, febres de máo character, além da fome, sede, nudez e outros males inseparáveis da guerra... confesso-vos! perdi as esperanças!”<sup>116</sup>

“CONFLICTO NA 5ª ENFERMARIA – Um soldado, hontem, por ocasião de receber sua dieta, altercou com o enfermeiro que é paisano, dando em resultado sahir o enfermeiro ferido no braço. Foram tomadas as providencias necessárias, para a punição do delinqüente.”<sup>117</sup>

#### 2.1. A Faculdade entre mortos e feridos

As epígrafes desenham o cenário das enfermarias na capital baiana em que professores e alunos se dedicaram a tratar os feridos da guerra. Ali, ao que nos parece, um ambiente tenso, um universo marcado pelo predomínio de doenças e choques entre as partes [civis e militares] que dividiam àquele espaço clínico. É partir desta *tensão* que iniciamos nossa narrativa sobre a imersão da Faculdade no confronto. Vamos a ela.

Instituição científica com proeminente atuação na história política da Bahia e do Brasil, a FMB – durante o período que abrange a morte do coronel Antonio Moreira César, 04 de março de 1897, e o envio da primeira turma de acadêmicos de medicina e farmácia à linha de fogo, em 27 de julho de 1897 – emitiu alguns ofícios sobre o assunto *Guerra de Canudos*. No entanto, sua atuação possui mais relevo no decurso da 4ª expedição militar enviada ao interior da Bahia. Acreditamos que sua presença, tanto na capital quanto no teatro da guerra, nos oferece mais uma dimensão do confronto.

A documentação aqui trabalhada centrou-se na produção escrita pelos representantes da FMB sobre seu olhar lançado no que diz respeito a peleja sertaneja no

---

<sup>116</sup> BPEB – Jornal *Cidade do Salvador* de 25 de setembro de 1897.

<sup>117</sup> BPEB – Jornal *Diário de Notícias* de 7 de setembro de 1897.

ano de 1897. Alertamos aos leitores(as) que nossa relação entre tempo, leitura e transcrição dos documentos aqui citados não estabeleceram um convívio uniforme. De todo modo, sugestivamente, poderiam os(as) pesquisadores(as) acoplar à Faculdade baiana aqui em estudo, a produção documental (fontes) elaborada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro sobre o assunto *Guerra de Canudos* e, paralelo a isso, investigar o que há nos arquivos da Faculdade Livre de Direito da Bahia, fundada em 1891, afinal, eram eles, médicos e advogados à época, em sua maioria, *homens da sciencia*.

“... fontes são marcas do que foi, são traços, cacos, fragmentos, registros, vestígios do passado que chegam até nós, revelados como documento pelas indagações trazidas pela História. Nessa medida, elas são frutos de uma renovada descoberta, pois só se tornam fontes quando contém pistas de sentido para a solução de um enigma proposto. São, sem dúvida, dados objetivos de um outro tempo, mas que dependem do historiador para revelar sentidos. Elas são, a rigor, uma construção do pesquisador e é por elas que se acessa o passado.”<sup>118</sup>

No Livro de Atas da Congregação no Arquivo da FMB (1889 – 1897), há menções diretas ao episódio do Belo Monte. Entretanto, há ainda, um intervalo entre as sessões de 08 de julho de 1897 e 16 de novembro do mesmo ano. O que se procedeu dentro da Faculdade durante aqueles quatro meses – espaço temporal que compreende a maior parte das operações da Campanha contra o povo do Conselheiro – só foram transcritos, ao menos é o que consta, quarenta e um dias após o massacre do 05 de outubro, isto é, em 16 de novembro (primeiro dia após os exames finais). Isso se explica, a nosso ver, devido ao envolvimento do corpo discente, docente e administrativo da Faculdade no que toca à estruturação de trinta enfermarias montadas na capital baiana para atender aos feridos que para lá acorreram.

No mês de março, há no Livro duas atas que, de certa forma, expõem o comprometimento da Faculdade de Medicina na guerra: a primeira, 12 dias após a morte do coronel Moreira César e, a segunda, assinada no dia 20 de março. Na primeira, o diretor Antonio Pacífico Pereira declarava, acompanhado dos professores membros da Congregação, o lamentável desastre que ocorrera com a terceira expedição enviada pelo Exército da República ao arraial de Canudos. Após destacar a profunda perda pela qual passava o país, os professores, diretor e vice-diretor ofereciam os serviços da Faculdade em casos de emergência. Esta moção de sensibilidade aos combatentes republicanos e a

---

<sup>118</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2ª edição. São Paulo: Autêntica Editora, 2005. p. 98.

prestação de serviços estava dirigida ao governo federal, ao ministério da guerra e ao ministério do interior, isto é, Ministério da Justiça e Negócios do Interior.

Na segunda ata do Livro da Congregação da Faculdade – apesar de constar como de 20 de março – registrou a resposta do governador, expedida em 17 de março e dirigida ao diretor Antonio Pacífico Pereira. Luiz Viana comentava agradecido a moção da Faculdade para com os “bravos defensores da Pátria na expedição contra os fanáticos de Canudos” e destacava o telegrama dirigido ao Ministério da Guerra e do Interior. O ofício do governador segue nos seguintes termos:

“É-me sumamente grato reconhecer a attitude patriótica que sua elevada congregação científica assume diante dos lamentáveis acontecimentos que enlutão a Pátria, offerecendo seu valioso apoio e seus inestimáveis serviços ao Governo Federal e ao Estadual que os aceita, louvando assim os sentimentos que inspirarão este offerecimento, e que constituem uma tradição gloriosa desta Instituição, que tão merecidamente presidis. Aceitae os sentimentos de minha elevada consideração e estima.

Saúde e Fraternidade.

Luiz Vianna.”<sup>119</sup>

As atas (16 e 20 de março) revelam algumas características da adesão da FMB ao conflito travado no arraial. Primeiro: a Faculdade se prontificou a atuar ao lado do Exército e do governo federal. A presença do estado da Bahia é mencionada através do ofício do governador Luiz Vianna, não o ofício assinado pelo diretor da Faculdade, Antonio Pacífico Pereira. De todo modo, não nos dedicamos em investigar se havia ou não, pontos de tensão, isto é, quem entre os personagens envolvidos na guerra estava subordinado a quem, pois para essas esferas institucionais [FMB – Estado – Exército], o que estava em jogo era o perigo da nação.

A atitude da FMB compactua com o comportamento rotineiro das instituições médicas no Brasil do século XIX, sobretudo no que diz respeito às questões sociais. Se a medicina buscara no Estado uma ferramenta de legitimação de seu espaço, fosse pela imprensa ou pela lei, o que impediria o Estado republicano de reproduzir a mesma lógica? Apesar das desavenças e dos conflitos miúdos da política, o propósito, para o trinômio, FMB – Estado – Exército, era maior.

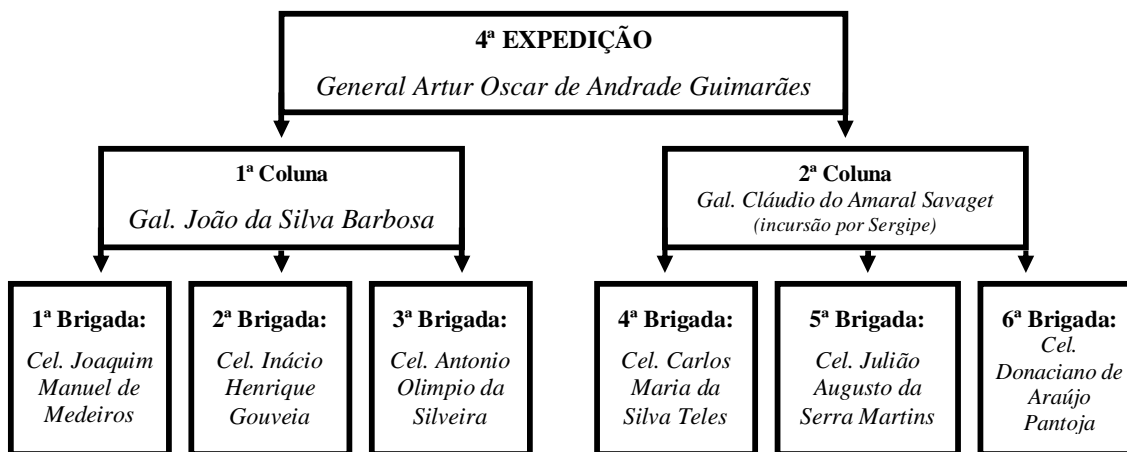
Uma segunda característica é que seus serviços somente seriam empregados em casos *emergenciais*, porque em março de 1897 ainda iniciava-se a formação da quarta expedição a Canudos, em que milhares de soldados, alguns compulsoriamente recrutados, atuariam sob o comando do general Artur Oscar de Andrade Guimarães.

---

<sup>119</sup> AFMB – Livro de Actas da Congregação: 1889 – 1897. p. 177 e 178.

Neste mesmo mês, em 21, o general chegou à Queimadas, localizada a 195 quilômetros de Canudos.<sup>120</sup>

Composta às pressas, a expedição Artur Oscar contou com um aporte tecnológico fornecido pela indústria que, desde a Guerra Civil Americana (1861 – 1865), passara a delinear as feições de uma guerra moderna com o uso das ferrovias, do telégrafo e do jornal. De acordo com o estudo de Walnice Nogueira Galvão, a estrada de ferro para deslocar as tropas tanto as que marcharam ao teatro das operações quanto os convalescentes e feridos; o telégrafo capaz de dinamizar a comunicação em guerra e os enviados especiais dos jornais, isto é, a imprensa da Bahia, de São Paulo e do Rio de Janeiro – formatou a Campanha de Canudos com traços de guerra moderna.<sup>121</sup>



FONTE: SAMPAIO Neto, José Augusto Vaz; SERRÃO, Magaly de Barros Maia; MELLO, Maria Lucia Horta Ludolf e URURAHY, Vanda Maria Bravo. *Canudos – Subsídios para sua reavaliação histórica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1986. p. 50.

A última expedição ao arraial, estruturada e modificada no decorrer da Campanha por uma série de eventos, principalmente por atrito entre seus comandantes<sup>122</sup>, abarcara em suas tropas aproximadamente entre seis e oito mil militares, entre eles, sargentos, tenentes, alunos das escolas militares, anspeçadas, capitães, corneteiros, paisanos, ajudantes e soldados.

<sup>120</sup> SOARES, Henrique Duque-Estrada de Macedo. (1985). Op. cit. p. 49.

<sup>121</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. *O Império do Belo Monte – vida e morte no sertão de Canudos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001. p. 82.

<sup>122</sup> ARARIPE, Tristão de Alencar. (1985). Op. cit. p. 89. Assim comenta o autor: *é interessante registrar-se, desde já, o doentio espírito de rivalidade que se formou entre os comandantes de colunas e de corpos, os quais disputavam a primazia de serem os vencedores de Canudos*.

Heróis no Relatório do Ministério da Guerra<sup>123</sup>, esses eram homens entre 16 e 56 anos, alguns na condição de ex-combatentes da Guerra do Paraguai e da Revolta da Armada<sup>124</sup>, de diversos estados do Brasil e foram eles designados a combater os conselheiristas no interior da Bahia. Da chegada desses militares e o percurso realizado no espaço entre a capital baiana e o sertão, registraram-se “assaltos a bonds, invasão de casas particulares, agressões a pessoas inermes, violências contra hoteleiros e vendilhões, desacatos a senhoras indefesas...”<sup>125</sup>

Entre abril e fins junho de 1897, tudo parecia re-organizado para o Exército da república. Apesar dos esforços no que se refere a repor o estoque de alimentos, armamentos, dinamizar o sistema de transporte, prontidão do serviço sanitário e de engenharia, entre outras medidas peculiares ao cenário da guerra, Queimadas e Monte Santo, regiões adjacentes à Canudos, encontravam-se em estado precário, sem muares para deslocar as munições e, menos ainda, mantimentos para alimentar as tropas.<sup>126</sup>

Já no limiar dos primeiros ataques, no intervalo de 30 de maio e 07 de junho, o general Cláudio do Amaral Savaget permanecia em Geremoabo com parte de sua tropa assolada por uma diversidade de doenças. Em comunicação com Artur Oscar sobre a possibilidade de invasão do arraial, o general Artur Oscar ordenou que as duas brigadas se encontrassem defronte a Canudos no dia 27 daquele mês.<sup>127</sup> Mas, antes disso, “a 25, Artur Oscar recebeu a notícia dos combates de Cocorobó entre a Segunda Coluna e os conselheiristas, convencendo-se da necessidade de chegar o mais rapidamente a Canudos”.<sup>128</sup> Paralelo a isso é importante destacar que as doenças que acometeram os soldados na Campanha de Canudos, grassaram no decorrer das quatro expedições em direção à cidadela do Bom Jesus, mas, naturalmente, pelo número de pessoas envolvidas e pelas condições sanitárias do campo de operações, recrudesceram-se nesta última expedição.

Entre os dias 25 e 27 de junho, as duas colunas tentavam invadir o arraial. Essas duas frentes, em superioridade numérica e bélica (canhões e metralhadoras), esbarraram

---

<sup>123</sup> Relatório do Ministério da Guerra (RMG - 1898) – Anexo A: Forças em Operações na Bahia. São frequentes essas passagens no texto: *O exército esteve sublime de heroísmo. Os soldados morriam dando vivas à República e à memória do marechal Floriano Peixoto, o que prova que a República teve a sorte de fazer brotar o amor pátrio em seus corações rudes, porém generosos. Com taes elementos a República pode soffrer combates como este de Canudos, mas não perecerá.* – general Artur Oscar de Andrade Guimarães – 4 de Setembro de 1897. p. 98.

<sup>124</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). (1994). Op. cit. p. 414.

<sup>125</sup> SINZIG, Pedro. (1925). Op. cit. p. 172.

<sup>126</sup> ARARIPE, Tristão de Alencar. (1985). Op. cit. p. 87.

<sup>127</sup> SOARES, Henrique Duque-Estrada de Macedo. (1985). Op. cit. p. 61

<sup>128</sup> VILLA, Marco Antonio. (1995). Op. cit. p. 185.

durante horas na resistência da Guarda Católica do Bom Jesus<sup>129</sup> e nas trincheiras naturais do solo do semi-árido, que serviam, igualmente, de defesa aos conselheiristas. Ainda a 25, a entrada ao arraial por Geremoabo foi transposta pelas forças republicanas (2ª Brigada) e, concomitante a isso, devido a centenas de baixas, ao anoitecer, foi improvisado um hospital de sangue. (ver mapa no Capítulo III)

Encontrando-se a região do Alto da Favela (aproximadamente 1300m de distância do arraial de Canudos) ocupada pelas tropas republicanas, a primeira quinzena de julho, destacada pelo uso intenso da matadeira, foi marcada por ampla resistência conselheirista. Em pleno combate, “em 30 de junho e 1º de julho, um pequeno grupo de conselheiristas tentou capturar ou destruir os canhões de uma bateria do Exército, mas foi rechaçado.”<sup>130</sup>

Neste mesmo cenário, as manobras militares mostravam-se limitadas e havia acentuada desorganização do Exército. Os comboios carregados para alimentar as colunas eram freados pelas investidas dos acólitos do peregrino ou lentamente se deslocavam, em virtude da íngreme topografia do sertão, isso sem comentar as inúmeras deserções. Sobre os casos de deserção, em especial na historiografia militar sobre o tema, há passagens em que com o desânimo das tropas atacadas pela fome e pela sede, surgiu certa indisciplina em plena linha de fogo, assim piquetes inteiros durante a noite abandonavam os postos e partiam em direção a Cocorobó ou ao Rosário; muitos, saciada a fome, regressavam; outros ficavam no mato...<sup>131</sup>

A respeito da batalha de 18 de julho, emblemática para maior parte da historiografia atinente ao fenômeno de Canudos, o Exército avançara alguns metros já dentro do reduto do Conselheiro. Este combate, estendido até o final da noite do mesmo dia, levou os oficiais a ordenar o recuo de seus combatentes. Um número pertinente de comandantes, se não mortos, foram atingidos e tornaram-se incapacitados para seguir nas trincheiras. No transcorrer da guerra a munição escasseou-se e sede e fome continuavam companheiras dos milhares que marcharam em direção ao arraial.

Para minimizar a prontidão conselheirista em defender seu povo, seu reduto, seu Belo Monte, o general Artur Oscar em comunicação ao Ministro da Guerra em 04 de setembro de 1897, alegou que a topografia local, trincheiras naturais formadas pelas

---

<sup>129</sup> MELLO, Frederico Pernambucano de. (2007). Op. cit. p. 309. De acordo com o autor, *o propelente do tiro era a pólvora negra, de ingredientes levantados no próprio sertão - salitre, enxofre e carvão vegetal pilados juntos, basicamente - onde também se dava o seu fabrico artesanal antiquíssimo.*

<sup>130</sup> VILLA, Marco Antonio. (1995). Op. cit. p. 189.

<sup>131</sup> SOARES, Henrique Duque-Estrada de Macedo. (1985). Op. cit. p. 115.

depressões do solo, freava a investida de seus valentes combatentes e que, por isso, não conseguira prosseguir. Após esta constatação, “em telegrama ao ministro da Guerra, pede o auxílio absurdo de 5 mil soldados, o equivalente a uma quinta expedição.”<sup>132</sup>

Simultaneamente a esse contexto, as condições sanitárias dos hospitais de sangue estruturados na região para atender aos feridos reclamavam providências imediatas. Ali se amontoavam feridos por arma de fogo, quedas, variolosos, febris, amputados, diarréicos, nas mesmas enfermarias onde havia cadáveres insepultos de homens e animais. Um corpo médico-militar composto por 21 doutores, quatro farmacêuticos e dois enfermeiros, adjuntos à quarta expedição<sup>133</sup>, não fazia frente ao crescente número de feridos.

De acordo com o estudo de Roberto da Motta Teixeira, centrado na Guerra do Paraguai, os hospitais de sangue foram unidades de urgência instaladas há alguns metros da linha de fogo<sup>134</sup>. Ali os médicos do Exército se dedicaram a imobilizar as fraturas e tamponar as hemorragias. Os hospitais de sangue “funcionavam em barracas, casas porventura existentes no local ou mesmo ao ar livre. Os medicamentos e material de penso e cirurgia de urgência eram levados em malas de mão denominadas ambulâncias.”<sup>135</sup>

Em comunicação em 03 de agosto de 1897, o comandante interino Vicente Ferreira Álvares expôs a dimensão da situação dos hospitais de sangue em Canudos e suas necessidades: “o 2º cadete sargento Eugenio Carolino Sayão de Carvalho, em falta de cirurgião nesta columna, tem prestado os melhores serviços, fazendo os primeiros curativos aos feridos não só deste batalhão, como dos outros que guardam este ponto, desde o dia 18 [julho].”<sup>136</sup> [grifo nosso]

Um dia antes da data acima, em carta ao periódico carioca *Jornal do Commercio*, o capitão Manoel Benício, constantemente censurado em suas missivas pelo general Artur Oscar de Andrade Guimarães, expunha mais um cenário dos hospitais de sangue em Canudos:

“Jazem ali os feridos no chão poeirento e seco, outro sobre couros ainda frescos e fedorentos do gado abatido diariamente. O ar tresanda, as varejeiras esvoaçam em

---

<sup>132</sup> MELLO, Frederico Pernambucano. (2007) Op. cit. p. 218.

<sup>133</sup> SAMPAIO Neto, José Augusto Vaz; SERRÃO, Magaly de Barros Maia; MELLO, Maria Lucia Horta Ludolf e URURAHY, Vanda Maria Bravo. (1986). Op. cit. p. 49.

<sup>134</sup> Ver localização dos hospitais de sangue em Canudos no Capítulo III.

<sup>135</sup> TEIXEIRA, Roberto C. da Motta. *Aspectos históricos da Medicina Militar na Guerra da Tríplice Aliança*. In: Rio de Janeiro: ACADEMIA BRASILEIRA DE MEDICINA MILITAR – PROBLEMAS DE MEDICINA MILITAR, 1967 – 1968. 2v. p. 638.

<sup>136</sup> RMG – 1898. Op. cit. p. 57.

zumzum ao redor dos doentes esquilidos e famintos, fitando as visitas com os olhos brancos de misericórdia e suplica. (...)

À hora do curativo o medico aparece. Desamarra a ferida que se apresenta nua à sua vista. Nova ventania invade a tenda e enche de terra a chaga avermelhada.

Lavar com quê? Só com água e aguardente. Depois um pouco de iodofórmio em cima, nova atadura e tudo feito, porque não há mais remédio. Remédio há muito porém para pneumonia, espinhela caída, quebranto, feitiço e outras tantas enfermidades que, por ora, não há nem tem aparecido no acampamento.

Destes remédios as ambulâncias vieram cheias.

Para febres, ferimentos, não há mais medicamentos. Era também exigir demais ao que dividiu ou organizou as ambulâncias, querer que ele soubesse que se havia de ser ferido em Canudos e ter-se febres nestes lugares notáveis pelo impudismo!?...”<sup>137</sup>

Este ambiente pestífero e desolador refletiu-se no trabalho dos médicos militares. Em passagem pelo hospital de Monte Santo na primeira quinzena de agosto – este sob a chefia do major-médico dr. Francisco de Paula Alvelos – o acadêmico baiano do quarto ano médico da FMB, Francisco Xavier de Oliveira, deparou-se com um quadro assustador que, até mesmo, afastava os médicos militares de seus ofícios. Em sua permanência no teatro das operações, Francisco Xavier relatou que, devido à falta de recursos necessários para executar o trabalho, os médicos militares nada faziam. O jovem estudante e os demais colegas do curso de Medicina e Farmácia foram apresentados ao dr. José Lopes da Silva Júnior e, logo quando da chegada ao Hospital de Sangue, narra o autor:

“Começamos então a trabalhar.

Levado por um enfermeiro, que era um preto alto com a divisa de anspeçada do exercito, entrou o acadêmico em uma casa de porta e duas janelas no correr fronteiro à igreja.

Ao entrar, a dois passos da porta foi encontrando feridos deitados pelo chão. (...)

Suplicas, gemidos de confranger o mais empedernido coração.

Feridas supuradas das mais variadas localizações e das mais irregulares formas e dimensões; ossos a vista nas fraturas expostas; dores, magreza, miséria orgânica, fétido.(...)

De cócoras todo o tempo, quando terminou a tarefa tinha o diretor feito sessenta e um curativos.

Indagado por que os médicos não providenciavam para melhorar aquela situação horrível, o enfermeiro apontando para um grupo que estava nos bancos debaixo de tamarindeiro, onde se jogava gamão, respondeu:

O hospital deles é ali.”<sup>138</sup>

As dificuldades encontradas no campo de operações no que se refere ao trabalho médico, ou seja, muitos feridos, número excessivo de doentes e insuficiências materiais das mais variadas; está diretamente ligada à inserção da FMB no confronto. Em 22 de

<sup>137</sup> GALVÃO. Walnice Nogueira. (1994). Op. cit. p. 281.

<sup>138</sup> OLIVEIRA, Francisco Xavier. *Reminiscências da Guerra de Canudos*. Bahia: Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1943 – n. 69. p. 157, 158 e 159.



julho, o governador Luis Vianna recebeu do general João Thomaz Antonio Cantuária o seguinte telegrama:

“Neste momento recebo telegramma commandante guarnição sobre a necessidade de médicos e pharmaceuticos para forças em operações no interior do Estado. Apellando tradicional civismo povo baiano peço vosso valioso auxilio na satisfação de tão urgente necessidade na parte que vos couber.”<sup>139</sup>

Voltemos no *tempo*. Após comunicação, já destacada, com o governo federal, com o Ministério da Guerra e com o Ministério da Justiça, no mês março de 1897, há mais algumas sessões registradas no Livro de Atas da Congregação da Faculdade no Terreiro de Jesus. Na mesma ata do dia 20 de março, ao mesmo tempo em que constava a prontidão da Faculdade em atuar ao lado do Exército e do estado da Bahia contra os *fanáticos de Canudos*, dois assuntos ainda foram tratados: um refere-se ao protesto acerca de uma premiação de viagem à Europa; e, o outro, são comentários sobre a Memória Histórica da FMB, escrita pelo médico maranhense e lente da disciplina de Medicina Legal daquela instituição, Raymundo Nina Rodrigues.<sup>140</sup>

Em sua Memória Histórica, relativa ao ano letivo de 1896, o professor Nina Rodrigues relatara as mais variadas necessidades estruturais da Faculdade, que longe estava, na opinião do autor, do que havia nos países *civilizados*. Carência de materiais para um trabalho adequado, inapropriados laboratórios para o ensino prático de anatomia, falta de cadáveres para análise, falta de empenho de alguns colegas de trabalho, escasso investimento do governo estadual e federal, dentre outras insuficiências.<sup>141</sup> Tal assertiva não passou ilesa aos comentários dos professores ali reunidos no momento de sua leitura.

Aliás, por um lado, no que toca ao contexto nosocomial, laboratorial e, particularmente, médico em algumas cidades européias do século XIX – Viena, Paris, Berlim, por exemplo – determinadas descobertas no campo das doenças pulmonares, cardiologia, citologia, fisiologia, na tecnologia, bacteriologia e vacinas, paulatinamente, ganhavam dimensões extracontinentais. Assim, os livros, compêndios, e coleções dessas universidades européias, não tardariam em atravessar o Atlântico. Por outro, numa

---

<sup>139</sup> ALMEIDA, Felix Gaspar de Barros. *Secretaria de Policia e Segurança Pública – Relatório apresentado ao Governador do Estado Exm. Sr. Cons. Luiz Vianna – 1898*. p. 17.

<sup>140</sup> AFMB – Livro de Actas da Congregação: 1889 – 1897. p. 180.

<sup>141</sup> BRITTO, Antonio Carlos Nogueira. *A Faculdade de Medicina da Bahia na Época de Nina Rodrigues*. Bahia: Gazeta Médica da Bahia, 2006. p. 76 e 77. Material disponível no site: [http://www.medicina.ufba.br/gmbahia/numeros/sup2\\_2006/sup2\\_2006.pdf](http://www.medicina.ufba.br/gmbahia/numeros/sup2_2006/sup2_2006.pdf). Acesso em 10/11/2008.

dimensão política, militar e econômica, em época de colonialismo e imperialismo<sup>142</sup>, essas mesmas inovações científicas chegariam, em determinados momentos, como ‘salvadoras’ dos ‘insalubres’ trópicos. Diga-se de passagem, laboratórios da maior parte de experiências científicas européias.<sup>143</sup>

Voltando ao Terreiro de Jesus, o dr. Manoel Joaquim Saraiva, presente à sessão de leitura da Memória, protestou contra a referência do dr. Nina na sua Memória Histórica ao comentar a metodologia de trabalho que desempenhavam os professores no ensino prático.<sup>144</sup> O mesmo dr. Saraiva, acusava o médico maranhense de cometer *grave injustiça a seus colegas* que, muito dedicados, sempre permaneceram ativos no que se refere ao ensino prático daquela Faculdade e expôs as pesquisas realizadas no laboratório de higiene ali instalado, destacando que algumas delas serviram de fonte para as reformas sanitárias espalhadas em outros Estados brasileiros e que, deste modo, as informações do dr. Nina, nada coincidiam com a realidade do trabalho dos professores. Por fim, “estando a hora adiantada, e com a palavra diversos Sr<sup>s</sup>. Professores, por proposta do Sr. Cons. Ramiro (*dr. Ramiro A. Monteiro*), foi adiada a discussão. Em seguida o Sr. Dr. Director levantou a sessão.”<sup>145</sup> [*grifo nosso*]

Lançamos mão aqui de algumas Memórias Históricas da FMB para discutir a idéia de que estes documentos – ao compartilhar com outros (jornais, lições, conferências, registros de atos solenes, teses de doutoramento), no que se refere a essa esfera, à dos letrados e intelectuais do início do período republicano<sup>146</sup> – nos auxiliam a recompor o ambiente das relações entre os membros da Faculdade em Salvador no transcorrer da guerra travada a quatrocentos e noventa quilômetros dali.

Tais características registradas pela Memória Histórica escrita e lida por Nina Rodrigues não se restringiram ao seu período. Marcos Augusto Pessoa Ribeiro, ao estudar a Memória de Alfredo Britto, de 1900 (dois anos após a Guerra de Canudos), notara que o autor também reclamava das condições de higiene das instalações da FMB. Nas palavras do memorialista, pacientes com doenças contagiosas, como a tuberculose, permaneciam durante meses nas enfermarias convivendo com outros enfermos, aumentando o risco de contágio até mesmo de professores e alunos. Ainda na mesma

---

<sup>142</sup> HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998. p. 109 e 110.

<sup>143</sup> PORTER, Roy. (2004). Op. cit. p. 97 – 123.

<sup>144</sup> AFMB – Livro de Actas da Congregação: 1889 – 1897. p. 180.

<sup>145</sup> Idem. p. 180. A revolta de alguns professores presentes acerca da Memória Histórica de Nina Rodrigues ocupava 11 páginas deste Livro de Actas, enquanto Canudos, 5.

<sup>146</sup> SA, Dominichi Miranda de. (2006). Op. cit. p. 38.

Memória Histórica, o professor Alfredo Brito comentou que “os alunos costumavam aglomerar-se em torno dos leitos dos doentes, sendo estes frequentemente importunados pelas moscas atraídas pelas escarradeiras descobertas, “cheias de esputos numulares” [da tuberculose], sob as mesinhas de cabeceira.”<sup>147</sup>

Seguindo o Livro de Atas da Congregação da FMB, em dias subsequentes às desavenças causadas pela Memória Histórica escrita pelo dr. Nina Rodrigues, encontramos o ofício n.º. 1395, de 08 de julho, o qual antecede a comunicação expedida pelo general João Thomaz Cantuária ao governador do estado Luiz Viana, em 22 de julho. Este primeiro documento, com a assinatura do tenente-coronel dr. José Leôncio de Medeiros (chefe do Serviço Sanitário do Exército no Estado Federado da Bahia), fora remetido ao diretor da Faculdade, Antonio Pacífico Pereira. Passemos então ao seu conteúdo:

“..., que sigam com máxima urgencia para Monte Santo todos os Médicos e Pharmaceuticos Civis contractados, caso estes não se prestem por seu patriotismo a servir gratuitamente, como muitos já o fizeram merecendo por isso a gratidão da Pátria, cumpro o dever indeclinável e pedir acatamento que nos digneis de consultar sobre a materia e os Médicos e Pharmaceuticos da Faculdade de Medicina e de Pharmacia sob nossa digna direção, attendendo ao offerecimento generoso e louvável feito ultimamente ao governo da Republica pela illustrada e emérita Congregação da Faculdade com edificante solitudine e patriotismo.”

Percebemos no comunicado que, para a urgência dos serviços da guerra, tornara-se capital a intervenção da Faculdade no confronto. Trezentos e noventa e cinco quilômetros teriam que percorrer os médicos e farmacêuticos da FMB para chegar a Monte Santo, região contígua a Canudos e, ao mesmo tempo, quartel general do Exército. Em cartas enviadas das trincheiras da guerra ao periódico carioca *A Notícia*, em 21 de julho, Manoel Figueiredo expunha a situação do hospital montado pelos médicos militares em Monte Santo:

“o hospital está bem localizado... Em outro local, pouco afastado do centro do arraial, existe também uma enfermaria de isolamento para os atacados e moléstias infecciosas. O sarampão, de forma grave, tem atacado algumas praças, assim como diarréias coleriformes, fazendo a primeira vítima, a despeito dos serviços clínicos.”<sup>148</sup>

As notícias que chegavam pela imprensa, sobretudo, durante o final de julho e início de agosto, desenhavam um palco não muito convidativo à presença desses médicos ao campo das operações. Num olhar mais detalhado sobre a comunicação entre o tenente-coronel e o diretor da Faculdade, alguns professores não *se prestariam* a fazer

---

<sup>147</sup> RIBEIRO, Marcos Augusto Pessoa. (1997). Op. cit. p. 39.

<sup>148</sup> GALVÃO, Walnice Galvão. (1994). Op. cit. p. 407.

o serviço gratuitamente, nem mesmo imbuídos do sentimento de salvação da pátria. Neste caso, como consta, ao atuarem adjuntos às comissões militares, trabalhariam na condição de *contratados*.<sup>149</sup>

### Quadro – 1

José Olympio de Azevedo	Chimica inorgânica medica	José Eduardo Freire de Carvalho Filho	Therapeutica
João E. de Castro Cerqueira	Chimica orgânica e Biologia	Alfredo Thomé de Britto	Clinica propedeutica
J. Carneiro de Campos	Anatomia descriptiva	Climério Cardoso de Oliveira	Clinica obstétrica e gynecologica
Carlos Freitas	Anatomia medico cirúrgica	Alexandre E. de Castro Cerqueira	Clinica dermatológica e syphiligraphica
Manoel José de Araújo	Physiologia theorica e experimental	Antonio Pacifico Pereira	Histologia theorica e pratica
Augusto César Vianna	Anatomia e Physiologia pathologicas	Pedro de Luz Carrascosa	Profº substituto
Guilherme Pereira Rebello	Pathologia Geral	Pedro Luiz Celestino	Profº substituto
R. Nina Rodrigues	Medicina Legal	Braz do Amaral	Profº substituto
Manuel Joaquim Saraiva	Hygiene	João Agrippino C. Dorea	Profº substituto
Fortunato Augusto da Silva Junior	Operações e aparelhos	Alfredo F. de Magalhães	Profº substituto
Antonio Pacheco Mendes	Clinica cirúrgica 1ª cadeira	Clodoaldo de Andrade	Profº substituto
Anísio C. de Carvalho	Pathologia medica	C. Ferreira Santos	Profº substituto

FONTE: AFMB – THESES. Teses de doutoramento: 1897. Ver material em anexo.

Os médicos apresentados no Quadro n. 1 eram os lentes catedráticos, alguns substitutos, e suas respectivas disciplinas; eles atuaram diretamente nas enfermarias de Salvador. A respeito de suas *contratações*, nossa análise nas atas da Congregação da Faculdade referente ao ano de 1897, no Relatório do Ministério da Guerra e no Relatório do Ministério da Justiça e Negócios do Interior, não esbarrara em alguma nota, ordem ou decreto a respeito de valores, nomeações, condecorações ou algo similar. No decurso de nossas leituras e reflexões, ao contrário do já mencionado estudo de Marcos Augusto Pessoa Ribeiro, não encontramos algum registro sobre a presença dos professores desta Faculdade na vila de Monte Santo.

<sup>149</sup> BPEB – Para melhor compreensão da palavra *contratados*, recorremos a alguns dicionários da Língua Portuguesa editados no decorrer do Oitocentos. (A) MORAES, Antonio. *Diccionario da Língua Portuguesa – Recopilado*. Tomo primeiro. Lisboa. PORTUGAL: 1831. *Contrátar*: v.at. Fazer contrato. §. Dar certa renda ou lucro contingente d’algum ramo de commercio, alguma obra. Couto, 6.II. f. 3.c.2. depois de que as náos de el-Rei se contratáram a mercadores. Contratou o contrato; a quem se contratou a Casa da Índia. Couto, 10.10. 6 §. Fazer negócio. p. 464. (B) *Diccionario Contemporaneo da Língua Portuguesa*. Lisboa. PORTUGAL: 1881. vol. I. *Contractar*: fazer contracto de, ajustar: Contractou a illuminação da cidade por vinte annos. Contractaram casamento; negociar: Este homem contracta em tudo. // v. pr. assalariar-se; contractar a locação dos próprios serviços: Contractou-se por três annos com boas condições. p. 394. (C) ALMEIDA, Francisco de. *Novo Diccionario Universal Portuguez*. vol. I. Lisboa. Portugal: 1891. *Contrátar*: fazer contrato de, ajustar, negociar. | v.p. assalariar-se. p. 492.

A resposta do diretor da Faculdade, ante a solicitação do Exército, deu-se imediatamente. Em ofício nº. 223, Antonio Pacifico Pereira comunicou ao dr. José Leôncio de Medeiros que, após consultar os médicos, farmacêuticos e auxiliares, todos ali presentes, portaram-se servíveis à incumbência de trabalhar em Salvador. Ao mesmo tempo, na referida ata de 08 de julho, menciona ainda mais duas informações: primeiro: a de que os acadêmicos do sexto ano de medicina ofereceram seus trabalhos, concomitante ao dos professores; e, segundo, a Faculdade, desde já, organizaria seus laboratórios para a preparação dos remédios necessários às suas tarefas.

Em ofício nº. 1466, datado de 16 de julho de 1897, assinado pelo general João Thomaz Antonio Cantuária, o “Governo aceita agradecido patriótico offerecimento Faculdade Medicina e Pharmácia, Clero Secular e Regular desse Estado para tratamento e cuidados nossos feridos Hospitales dessa Capital, e de acordo Chefe serviço sanitário ahi aproveitar essa valiosa offerta”<sup>150</sup>. Nesta mesma comunicação, o general Cantuária não via necessidade, ainda, de marchar para o interior do Estado os que se propunham a tal fim. Não julgava o militar, *tão grande sacrificio*. Todavia, ao que consta em ata, é que “foram contratados diversos alunos de diferentes séries para prestar serviços médicos em Queimadas, Monte Santo e Canudos, e no dia 27 [julho], para lá seguirem vinte e cinco desses estudantes, indo depois ainda outros, perfazendo um total de \_\_\_\_\_ [espaço no documento].”<sup>151</sup> [grifo nosso]

Em telegrama de 28 de julho, nº. 262, o diretor da Faculdade entrou em contato com o Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Amaro Cavalcanti, solicitando permissão para dispensar os acadêmicos das frequências das aulas proferidas nos laboratórios daquela instituição. A resposta viera alguns dias depois: “autorisa-vos suspender aulas tempo julgardes necessário serviços pessoal docente auxiliar alumnos tratamento feridos Canudos. Ministro do Interior.”<sup>152</sup>

## 2.2. Uma incursão nas enfermarias

A partir do dia 06 de agosto, começava a chegar a primeira leva de feridos e doentes que provinham das trincheiras da guerra. Para arregimentar uma estrutura hospitalar capaz de atender às necessidades dos militares que davam entrada, a

---

<sup>150</sup> AFMB – Livro de Actas da Congregação (1889 – 1897). p. 199.

<sup>151</sup> Idem. p. 199. Calculamos 33 alunos do curso de medicina enviados ao campo de batalha. (ver listagem em anexo).

<sup>152</sup> Idem. p. 199. Detalhe, neste mesmo Livro de Actas, consta em sessão de 23 de outubro, que os alunos se dedicaram *espontaneamente* à tratar dos feridos nas enfermarias. Mais detalhes no Capítulo III.

Faculdade organizou, na capital baiana, trinta enfermarias, localizadas em diversos pontos, ou melhor, quatro locais: Mosteiro de São Bento, Forte de Jequitaia, Arsenal de Guerra (situado em Água de Meninos) e o próprio prédio da Faculdade de Medicina da Bahia, foram os lugares que receberam os inúmeros feridos no cenário da guerra.

“A partir do momento em que se estipulou a distribuição do espaço como elemento de terapêutica, o hospital pôde ser concebido como lugar ideal para a constituição de microcosmos individualizados, especialmente preparados para se inserir cada doente de acordo com a sua doença e com os ditames do tratamento que ele devesse seguir. Para que isso se tornasse viável, foi preciso que todos os recursos hospitalares fossem expressamente destinados às finalidades médicas, ficando submetidos ao comando funcional e administrativo da classe médica.”<sup>153</sup>

Durante um determinado período, no século XVIII, hospitais europeus apresentavam um único caminho: o da morte. França e Inglaterra, por exemplo, viram dentro de suas capitais, hospitais, alguns de caridade, públicos e outros privados, verdadeiras ante-salas da morte. Moléstias infecto-contagiosas das mais variadas grassavam pelos corredores, numa estrutura arquitetônica precária por não levar em consideração aspectos como limpeza, ventilação, distribuição espacial dos leitos, dentre outros fatores que contribuía para aumentar os índices de óbito. Ao mesmo tempo, estes mesmos hospitais, muitos reformados e outros construídos no início do século XIX, se tornaram o espaço das pesquisas no que diz respeito ao ensino prático para estudantes de medicina. Ali “a medicina pode, portanto, efectuar desde a muito tempo a sua “revolução científica”.”<sup>154</sup>

Necrotérios e leitos eram agora os espaços das *observações pessoais* de professores e discípulos. Neste ambiente anatomo-clínico “o olhar torna-se o depositário e a fonte da clareza. (...) O olhar não é mais redutor, mas fundador do indivíduo em sua qualidade irreduzível. E, assim, torna-se possível organizar em torno dele uma linguagem racional.”<sup>155</sup> Concomitante a isso, o espaço nosocomial endossava o caráter corporativo de seus condutores. Assim, o hospital passara a catalisar e, por conseguinte, coletivizar o trabalho de seus internos, dando a eles determinada uniformidade e segurança. Coerentemente ao que diz respeito à relação aprendizagem-ensino,

“firmou-se o consenso de que se deveria obedecer a uma estratégia quanto ao uso das operações, estratégia cuja definição exigia não apenas conhecimento aprofundado das

---

<sup>153</sup> ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Hospital – instituição e história social*. São Paulo: Editora Letras e Letras, 1991. p. 163.

<sup>154</sup> MOULIN, Anne Marie. *Os frutos da ciência*. In: LE GOFF, Jacques. *As Doenças têm história*. Lisboa: TERRAMAR – Editores, 1985. p. 96.

<sup>155</sup> FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. 6ª edição. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2006. p. XI.

ciências básicas – anatomia, fisiologia, patologia – como também longa experiência clínica...”<sup>156</sup>

Um outro núcleo de ensino prático da medicina, especialmente no que diz respeito às atividades cirúrgicas, à higiene e à epidemiologia, foram as diversas guerras espalhadas pelo mundo durante o período do Oitocentos ou, até mesmo, antes dele. De Roma à Criméia<sup>157</sup>, inúmeros trabalhos executados nas enfermarias montadas na linha de fogo migraram da medicina castrense à área civil, ampliando algumas técnicas de trabalho concernentes ao estudo e avanço da medicina experimental.<sup>158</sup> É, talvez, oportuno aqui destacar que os primeiros professores da FMB eram cirurgiões militares, pois foi nos hospitais militares que se organizou, primeiramente, o ensino clínico.<sup>159</sup>

Diga-se, a propósito, que a maior parte das afecções que derrubaram as tropas republicanas em Canudos, vinte e sete anos antes já haviam passado pelas mãos de médicos e acadêmicos da Faculdade aqui em estudo. Na atuação desta instituição nas refregas da Bacia do Prata, viram os professores e seus alunos que, entre o sibilar das balas, havia um inimigo interno [doença] que fora capaz de derrubar ao leito, em determinados momentos da Campanha, mais da metade das forças militares envolvidas no teatro dos operações.<sup>160</sup>

Variola, pneumonia, hepatite, tifo, eram doenças que se repetiram no interior da Bahia durante os combates no *front* sertanejo. Deste modo, poderiam as enfermarias montadas na capital soteropolitana para atender aos enfermos, recrudescer ainda mais o *olhar* dos lentes e alunos da FMB sobre a medicina prática? Para ilustrar suas enfermarias e, ao mesmo tempo, mostrar-se consoante à Europa, a FMB nomeou-as com algumas personalidades em destaque nas áreas peculiares ao seu espaço científico. Desta maneira, a Faculdade, tanto no campo das idéias como no da prática médica, poderia reproduzir o que pesquisadores franceses, alemães, ingleses, suíços e russos, formulavam em suas investigações sobre sanitarismo, cirurgia, demografia, industrialismo, urbanização, charlatanismo, alcoolismo, isto é, uma série de atividades

---

<sup>156</sup> NOGUEIRA, Roberto Passos. *Do físico ao médico moderno*. SP: Editora Unesp, 2006. p. 65 e 66.

<sup>157</sup> ENNES, Guilherme José. *Homens e livros da Medicina Militar – Memória Histórica, Bibliographica e crítica*. Lisboa: Typographia das horas românticas, 1877. p. 13 e 96.

<sup>158</sup> NOGUEIRA, Roberto Passos. (2006). Op. cit. p. 77.

<sup>159</sup> FOUCAULT, Michel. (2006). Op. cit. p. 62.

<sup>160</sup> SOUZA, Jorge Prata de. *As condições sanitárias e higiênicas durante a Guerra do Paraguai*. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de. (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília-DF: Edição Paralelo 15, 2004. p. 55.

que, realizadas sob o manto do Estado, lidavam diretamente com a questão da saúde pública?<sup>161</sup>

Uma das enfermarias, a cargo dos professores Augusto Viana, Julio Palma e Francisco Cardoso, chamava-se *Pasteur*, dedicada ao bioquímico francês que, por volta da segunda metade do século XIX, através da análise de microorganismos, legara ao mundo a teoria contagiosa de algumas doenças (teoria microbiana), afastando do cenário médico-científico, mesmo que não completamente, a teoria da geração espontânea.<sup>162</sup>

Cabe lembrar que fora comum, durante o século XIX, a circulação de professores estrangeiros ao Brasil e a ida de médicos e acadêmicos brasileiros aos centros ‘experimentais’ no Velho Mundo com propósitos científicos, isto é, um ambiente significativo de troca e assimilação de idéias sobre o estudo da medicina. Um reflexo imediato de autonomia científica por parte dos médicos brasileiros, foi a Escola Tropicalista Baiana e a fundação do Instituto Oswaldo Cruz. Preocupadas com as patologias nativas, estas duas instituições foram algumas das instâncias de releituras e ‘traduções’ das teorias européias, sobretudo no que toca ao estudo da microbiologia, mas, destacamos que já antes destas, haviam investigações sobre o assunto, espalhadas pelas instituições ligadas às questões médicas no Brasil.<sup>163</sup>

## Quadro 2

### DESCOBERTA DE ORGANISMOS PATOGÊNICOS

ANO / DOENÇA-ORGANISMO / INVESTIGADOR					
1880	Febre tifóide (bacilo encontrado no tecido)	Eberth	1884	Estreptococo	Rosenbach
	Hanseníase	Hansen		Tétano	Nicolariet
	Malaria	Laveran	1885	Coli	Escherich
1882	Tuberculose	Koch	1886	Pneumococo	A. Fraenkel
	Mormo	Loeffler e Schurtz	1887	Febre de Malta	Bruce
1883	Cólera	Koch		Cancro mole	Ducrey
	Estreptococo (erisipela)	Fehleisen	1892	Gangrena gasosa	Welch e Nuttal
1884	Difteria	Klebs e Loeffler	1894	Peste	Yersin, Kitasato
	Febre tifóide -	Gaffky		Botulismo	Van Ermengen

<sup>161</sup> ROSEN, George. *A evolução da Medicina Social*. In: NUNES, Everardo D. (org). *Medicina Social: aspectos históricos e teóricos*. São Paulo: Global Editora, 1983. p. 28 – 62.

<sup>162</sup> \_\_\_\_\_, George. *Uma História da Saúde Pública*. 3ª edição. São Paulo: Co-Edição Unesp-Hucitec, 2006. p. 227.

<sup>163</sup> BENCHIMOL, Jaime. *A instituição da microbiologia e a história da saúde pública no Brasil*. Rio de Janeiro: Ciência e Saúde Coletiva - Revista da Associação Brasileira de Pós Graduação em Saúde Coletiva, 2000. v. 5, n. 1. p. 267.



isolamento do bacilo			
Estafilococo	Rosenbach	1898	Bacilo da disenteria Shiga

FONTE: ROSEN, George. *Uma História da Saúde Pública*. 3ª edição. São Paulo: Co-Edição Unesp-Hucitec., 2006. p. 232. Para uma leitura mais detalhada do Quadro n. 2, ver Capítulo VII da mesma obra.

Outro hospital montado na Faculdade recebera o nome do médico alemão *Rudolf Ludwig Karl Virchow*. Rudolf Virchow dedicara seus estudos a uma variedade de assuntos concernentes à saúde pública. Tendo como palco a Berlim do século XIX, suas pesquisas não foram somente àquelas dedicadas à citologia<sup>164</sup>, outras levaram em consideração elementos da economia e do mundo do trabalho. Este mesmo médico, junto com o higienista *Max von Pettenkofer*, também alemão, interferira diretamente na estrututuração sanitária da capital alemã. Antes de Virchow, Berlim não possuía um eficiente sistema de esgoto e, muitos menos, um método eficaz de abastecimento de água.<sup>165</sup> Um detalhe, *Max von Pettenkofer* fora o nome de uma enfermaria montada para recolher militares feridos em Canudos. Anos antes da Campanha do Belo Monte, quando da presidência de Floriano Peixoto, esse higienista alemão recebera convite do marechal para erradicar a febre amarela, surto que assolava a capital federal.<sup>166</sup>

No decurso da atuação dos professores da Faculdade nas enfermarias, alguns relatórios<sup>167</sup> foram entregues ao diretor Antonio Pacifico Pereira. Suas narrativas tratam dos óbitos, entrada e saída de feridos, transferências para outras unidades devido a altura do ferimento ou da doença e, em alguns casos, destacam a suficiência ou não de materiais adequados para executar o trabalho. Afora a aguda sensibilidade patriótica e intenso louvar à arte hipocrática.

Em comunicação ao diretor da Faculdade em 03 de novembro de 1897, o professor da FMB Manoel José de Araújo, a cargo da enfermaria *Claude Bernard* (dedicada ao fisiologista francês) – auxiliado pelo dr. Gonçalo Muniz Sodré e pelos alunos Eustachio Daniel de Carvalho, Almerindo Bacellar, Luiz Pedro Pereira de Souza e Manoel Pereira de Mesquita Jr. – expressou que, dos 29 combatentes que tratou, 23 saíram de sua enfermaria completamente restabelecidos. Cinco foram transferidos a outra enfermaria, 3 estavam quase restabelecidos e 2 sofriam, de acordo com o documento, de moléstias incuráveis: tuberculose e cardio-sclerose.

<sup>164</sup> PORTER, Roy. (2004). Op. cit. p. 105. Citologia refere-se ao estudo da estrutura e função das células.

<sup>165</sup> ROSEN, George. (2006). Op. cit. p. 192 e 193.

<sup>166</sup> BENCHIMOL, Jaime. (2000). Op. cit. p. 272.

<sup>167</sup> AFMB – Caixa 1897 – código: 01.07.0574. Maço Documentação referente à Guerra de Canudos, alguns relatórios não vieram acompanhados de seus respectivos mapas.

No mesmo relatório, o professor lamentou o falecimento do soldado José dos Santos Moares, sendo “o único óbito a registrar d’entre os doentes que tive aos meus cuidados, alguns dos quaes tiveram o estado local e geral bastante comprometidos por ferimentos graves e moléstias sérias.”<sup>168</sup> Em outra comunicação assinada pelo dr. Manoel José de Araújo, em 6 de agosto de 1897, após o exame cadavérico feito pelo médico e seus assessores, registrou que o soldado José dos Santos Moraes falecera de febre biliosa. Neste diagnóstico o médico apontava que o soldado dera entrada à enfermaria apresentando impaludismo crônico, cujo agravamento, levou o soldado a morte. Como podemos observar a partir do soldado de número 18 do Quadro 3, isto se repetira significativamente nas enfermarias aqui estudadas, as doenças, em alguns casos, derrubaram ao leito tanto quanto as feridas por armas de fogo.

### Quadro – 3

#### MAPA DE ENFERMARIA I (fragmento)

Nº	NOMES	BATALHÕES	Ferimentos e Moléstias	OBSERVAÇÕES
18	José dos Santos Moares, caboclo, 20 anos, solteiro, natural do Pará, filho de José dos Santos Moraes	Soldado da 4ª Companhia do 30º de infantaria	Ferimento por bala Manulicher – tendo o projectil penetrado pela parte externa da região cósto-clavicular esquerda, fracturando a chlavícula correspondente, atravessado o corpo da 2ª costella e se alojado na cavidade pleural aonde foi encontrada pela autopsia, no ponto correspondente, a parte media da face posterior do tronco.	Entrado em 9 de agosto. Vaccinado em 1896. O ferido foi submettido ao exame radioscópico pelo aparelho Bentgm sem resultado. Diversos fragmentos ósseos foram extrahidos. Falleceu em 4 de setembro, sendo a autopsia feita em 5, confirmação das lezoas do ferimento e da febre bilioza.

FONTE: AFMB – Caixa 1897. Código: 01.07.0574. Enfermaria Claude Bernard. (ver material completo em anexo)

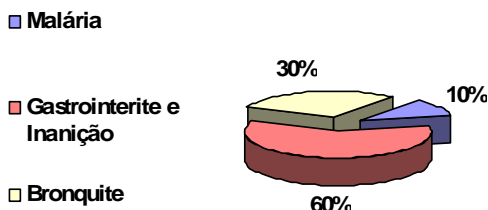
Ainda, no último relatório, ao finalizar sua incumbência e entregar o mapa da destacada enfermaria ao diretor Antonio Pacífico Pereira, em 03 de novembro, o professor Manoel José de Araújo nada comentara acerca das carências da enfermaria em que trabalhara, pelo contrário, anotou em seu relatório que a rapidez e completude de suas necessidades foram prontamente atendidas quando solicitadas e, nem mesmo, mencionara sobre a malária, a inanição e a bronquite que afetavam seus pacientes conforme Gráfico 3.

<sup>168</sup> AFMB - Caixa Ano 1897. Código 01.07.0574. Maço Documentação referente à Guerra de Canudos - Enfermaria Claude Bernard (Laboratório de Physiologia) à cargo do Dr. Manoel José d’Araújo.

### Gráfico - 3

#### DISTRIBUIÇÃO DAS DOENÇAS

ENFERMARIA CLAUDE BERNARD -  
doentes



FONTE: AFMB – Caixa Ano 1897. Código 01.07.0574. Maço Documentação referente à Guerra de Canudos - Enfermaria Claude Bernard (Laboratório de Physiologia) à cargo do Dr. Manoel José d'Araújo.

Contudo, o professor da disciplina de *Operações e aparelhos*, Fortunato Augusto da Silva Júnior não tivera maior sorte que o colega de *Physiologia theorica e experimental*. Responsável por uma enfermaria com 83 feridos, ali só havia 73 leitos a serem divididos entre seus pacientes reumáticos, cirróticos e sífilíticos, sem mencionar os feridos por armas de fogo.

Dentre os dez ofícios enviados ao diretor da Faculdade, no período que compreende de 19 de agosto e 30 de setembro, o de 23 de agosto sob nº 312 evidencia mais necessidades pela qual passava a enfermaria. Ao que consta neste documento do dia 23, o diretor Antonio Pacífico Pereira solicitava ao colega Fortunato Jr. e seus auxiliares informações mais detalhadas a respeito dos pedidos dos medicamentos para suprir o laboratório farmacêutico da Faculdade, já que ali havia carência de algumas substâncias.

Disenteria, gastroenterite, beribéri, febre palustre, sífilis, hepatite, tuberculose, bronquite e diarreia foram algumas das doenças distribuídas entre os 77 entrados à enfermaria sob chefia do dr. Julio da Gama. Em relatório entregue a 15 de dezembro ao então diretor da Faculdade, José Olympio de Azevedo (vice-diretor à gestão de Antonio Pacífico Pereira), o médico anotou que ante as moléstias e as operações por ele realizadas – auxiliado pelos estudantes Evaristo de Araújo, Antonio Bastos e Joaquim da Matta Albuquerque – quase todos os doentes tiveram alta na condição de curados.

Todavia, lamenta o dr. Julio da Gama a morte de dois combatentes, um – cujo nome não é mencionado tanto no mapa quanto no relatório, falecera de lesão cardíaca, e outro, o aspirante à oficial de Exército, Thelmo Soares, faleceu em 18 de outubro de disenteria séptica. Seguiu o médico descrevendo que, em alguns casos, como o dos combatentes Bernardino Gomes, Thomaz Leite Torres, Venâncio Luis da Silva, dentre outros enfermos, tiveram alta sem se acharem completamente curados porque foram requisitados por seus oficiais para que seguissem seus batalhões. Mais um detalhe, “quase todas as operações foram feitas sem anesthesia geral, havendo apenas quatro chloroformisações [*uma espécie de anestésico*], que deram-me ensejo de reconhecer a perícia e bondade dos D.<sup>ts</sup> Jeorge de Moraes e Antonio de Barros, aos quais muito agradeço o concurso que me prestaram.”<sup>169</sup> [*grifo nosso*]

Ópio, haxixe, álcool e éter foram alguns dos anestésicos utilizados pelos médicos práticos espalhados pela história antiga e moderna. O século XIX, guardadas as proporções, consagrara a utilização do clorofórmio como capaz de amenizar a dor tanto das rainhas na Europa em processo de parto quanto da soldadesca em épocas de guerra. Métodos e procedimentos cirúrgicos, particularmente no que toca às amputações em Campanha, somente ganharam maior dimensão após a aplicação daquela substância, sem contar a possibilidade de assepsia e desinfecção que, a partir dali, alargava ainda mais os horizontes da medicina experimental.<sup>170</sup>

Especificamente sobre os mapas das enfermarias estruturadas pela FMB que, em nenhum momento, como já destacamos, nos permite generalizar os dados então extraídos, podemos arrolar mais algumas informações que não constam nos relatórios dos professores e que expõem uma outra dimensão do conflito como, por exemplo, doenças, composição étnica das tropas, período de permanência dos milicianos em cada enfermaria, dentre outros aspectos.

De acordo com os mapas das três enfermarias do Gráfico n. 4, notamos massivamente a presença de combatentes oriundos da região do norte do Brasil. Cabe destacar que, em alguns casos, nos corpos de polícia de outros estados – São Paulo, por exemplo, igualmente havia ali o alistamento de combatentes oriundos do norte do país. Numa dimensão hipotética, poderíamos sugerir que a maior parte dos soldados das forças militares (federais e estaduais) deslocadas ao arraial de Antonio Conselheiro, era composta por nortistas, isto, a nosso ver, engrossada pelo fluxo migratório à região

---

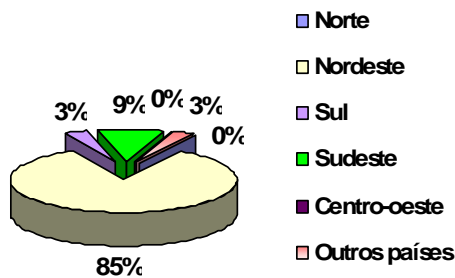
<sup>169</sup> AFMB – Caixa Ano 1897. Código 01.07.0574. Maço Documentação referente à Guerra de Canudos.

<sup>170</sup> PORTER, Roy. (2004). Op. cit. p. 137 – 156.

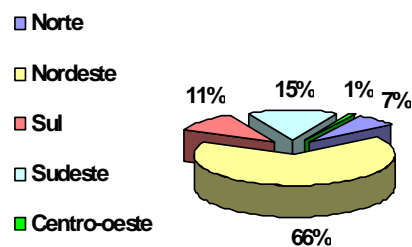
centro-sul do Brasil após a segunda metade do século XIX. Seca, fome e crise econômica empurraram milhões de jovens à linha de fogo, ao menos ali garantiriam a ração diária na condição de soldados.<sup>171</sup>

**Gráfico 4**  
**DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DOS COMBATENTES**

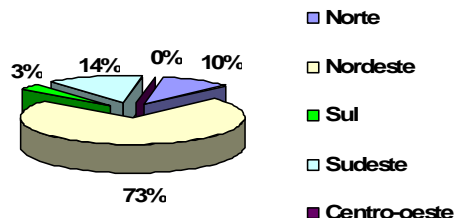
**ENFERMARIA LOUIS PASTEUR -**  
combatente natural de (regiões do Brasil)



**6ª ENFERMARIA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO -**  
combatente natural de (regiões do Brasil)



**ENFERMARIA CLAUDE BERNARD -**  
combatente natural de (regiões do Brasil)



FONTE: AFMB – Caixa Ano 1897. Código 01.07.0574. Maço Documentação referente à Guerra de Canudos.

Para uma análise mais detalhada da enfermaria *Claude Bernard*, esta fora a única, por nós pesquisada, que levava em consideração a composição étnica dos que deram entrada ao hospital. De acordo com o mapa apresentado pelo professor Manoel José de Araújo havia ali pardos, pretos, caboclos, crioulos e brancos: 44,82% eram

<sup>171</sup> Mais sobre a história da formação regional do Brasil, consultar em: SOUZA, Augusto Fausto de. *Estudo sobre a divisão territorial do Brasil*. 2ª edição. Brasília – DF: Ministério do Interior – Fundação Projeto Rondon, 1988.

pardos, ou seja, 13 milicianos e 31,03% estão definidos como brancos, respectivamente, 9. Pretos, caboclos e crioulos totalizam 7, uma representação de 24,13%.<sup>172</sup>

Vasculhando ainda mais os mapas das enfermarias, encontramos algumas reações conflituosas na relação entre alguns combatentes no convívio com seus ‘tratadores’ civis. Em caso específico da enfermaria Tillaux (nome dedicado ao cirurgião francês *Paul Jules Tillaux*), sob tutela do professor Jorge de Moraes, consta uma deserção. Segue abaixo o demonstrativo da destacada enfermaria.

#### Quadro 4

### MAPA DE ENFERMARIA II

#### ENFERMARIA TILLAUX

MOVIMENTO ENTRE 14 DE AGOSTO A 13 DE NOVEMBRO

Entraram para o serviço -----	109	doentes
Tiveram alta por curados -----	82	//
Tiveram alta em convalescença -----	5	//
Teve alta por deserção -----	1	//
Teve alta por transferência para o Hospital Militar -----	8	//
Ficaram em tratamento -----	4	//

FONTE: AFMB – Caixa Ano 1897. Código 01.07.0574. Maço Documentação referente à Guerra de Canudos.

Existem também outros mapas que expõem desde o nome do soldado ou oficial, levando em consideração seu batalhão, infantaria ou esquadrão; em alguns casos, os mapas detalham o diagnóstico e as observações dos professores para com seus pacientes e, ao mesmo tempo, apontando se houve a cura, a transferência ou o óbito. Por outro lado, de acordo com o Quadro 5, somente algumas informações foram ali anotadas.

#### Quadro – 5

### MAPA DE ENFERMARIA III

<sup>172</sup> Salvaguradamos a denominação que está no documento.

**SERVIÇO CLÍNICO DO DR. P. MENDES [ANTONIO PACHECO MENDES]  
2ª ENFERMARIA - MAPA DO DIA 11 DE AGOSTO DE 97.**

		<b>Existem</b>	<b>Observação</b>
35	<b>Batalhão de Infantaria</b>	4	Do 12º Batalhão de Infantaria, uma é praça simples.
30	//	1	
12	//	2	
33	//	2	
25	//	2	
26	//	2	
31	//	6	
5º	//	1	
5º	<b>Batalhão d'artilheria de Campanha</b>	1	
7º	<b>Batalhão de Infantaria</b>	1	
15º	//	1	
32	//	2	
14	//	2	

FONTE: AFMB – Caixa Ano 1897. Código 01.07.0574. Maço Documentação referente à Guerra de Canudos.

Uma informação relevante e que pode ter comprometido a composição ideal, isto é, detalhada dos mapas de feridos e doentes, é que alguns médicos atuaram em mais de uma enfermaria, como fora o caso do dr. Antonio Pacheco Mendes, que assinara a enfermaria destacada anteriormente e, ao mesmo tempo, auxiliou o seu colega Jorge de Moraes n'outra enfermaria no Mosteiro de São Bento. Na descrição dos procedimentos realizados em conjunto consta: “extração de um kisto de substancia calcarea no lado esquerdo da porção superior do corpo cavernoso no trajecto de uma bala, em Raymundo Papa-Borboleta, cabo do 40 B.<sup>am</sup> de Infanteria, praticada pelos Drs. Pacheco Mendes e Jorge de Moraes.<sup>173</sup>

Na enfermaria Esmarch (dedicada ao cirurgião alemão *Johannes Friedrich August von Esmarch*) estruturada no prédio do Terreiro de Jesus e sob comando do professor Hermenegildo Braz do Amaral, em 25 de agosto, seis milicianos obtiveram alta: 4 feridos à arma de fogo, um varioloso e Agostinho Ferreira Gomes, que dera entrada por ferimento a bala e fora transferido para o Hospital Militar por provocar desordem. Mas, tanto os relatórios do professor Braz do Amaral quanto seus mapas, nada mencionam sobre o caso ocorrido nas dependências da FMB.

Em outro mapa com a relação dos oficiais, inferiores e praças que tiveram tratamento na enfermaria dos doutores Pedro de Cerqueira Lima, Aggripino Dorea e

<sup>173</sup> AFMB – Caixa Ano 1897. Código: 01.07.0574. Maço Documentação referente à Guerra de Canudos.

Raymundo Mesquita de Andrade, datado de 14 de agosto<sup>174</sup>, notamos que o alferes Vicente Henrique de Moura, do 34º Batalhão de Infantaria da 4ª Cia., acometido de um tumor, não quis se sujeitar à necessária operação, mesmo diante do diretor da enfermaria, o médico-militar dr. Teixeira de Carvalho. O alferes baixou à enfermaria em 03 de setembro e a quatorze do mesmo mês Vicente Henrique de Moura obteve alta por ordem de seu comando superior. Nesta mesma enfermaria, o membro do 5º Regimento de Artilharia de Campanha, João Baptista Farmigarth, dera entrada em 14 de outubro, ferido por arma de fogo e não quis extrair o projétil. João Baptista permaneceu 08 dias nesta enfermaria estruturada no Arsenal de Guerra (localizado em Água de Meninos).

Talvez ao retirar o projétil comprometeria ainda mais a recuperação do paciente ou os pacientes não estavam tão *sujeitos* às exigências médicas quanto almejavam àqueles. Esses são vestígios do convívio entre ‘as partes’ aonde na imensidão de uma enfermaria, algumas atitudes podem parecer ou não destoantes de uma uniformidade entre os que curam e os que deveriam ser curados. Aqui, ou melhor, no estudo proposto, não sabemos se é possível afirmar, estamos atados ao imponderável. Essa dimensão entre o que fazer e o que deveria ser feito, está muito longe de nossa reflexão. Para a filósofa alemã, “o historiador, contemplando retrospectivamente o processo histórico, habituou-se tanto a descobrir um significado “objetivo”, independente dos alvos e da consciência dos atores, que ele é propenso a menosprezar o que efetivamente aconteceu em sua busca por discernir alguma tendência objetiva.”<sup>175</sup>

Essas enfermarias, as que conseguimos observar, ‘carregaram’ as mais variadas amputações, feridas e doenças contagiosas. Em duas enfermarias, já destacadas, percebemos que os militares que para lá foram recolhidos, ficaram alguns, dois dias, outros, mais de oitenta dias. Uma boa parte dos combatentes, uma vez nos leitos, ficou incapacitada de atuar nas linhas de fogo do conflito. Todos ali compartilhavam de um universo tenso, composto pelas desavenças entre a vontade de viver e a ronda do morrer. Falta de material, de alimentação suficiente e a permanência do aspecto insalubre dos hospitais, delineavam aqueles espaços.

“Estado da Bahia – Offício n.º 2006  
Inspeção Geral de Higiene do Estado da Bahia – 15 de setembro de 1897  
Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. D.<sup>f</sup> Director da Faculdade de Medicina e Pharmácia da Bahia

---

<sup>174</sup> APEB – Seção Republicana – Pacote 2854: Revolução de Canudos (Relação dos oficiais inferiores e praças feridos em Canudos).

<sup>175</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 124.



Accusando a recepção de vosso ofício n.º 354, esta Inspectoria vos declara que está providenciando, para satisfazer a vossa requisição no mais curto prazo possível, acerca da desinfecção da na enfermaria à Jequitaita.  
Saúde e Fraternidade.  
O Inspector – Dr. Eduardo Gordilho da Costa.”<sup>176</sup>

Nosso trabalho não se restringiu às enfermarias da capital baiana. Encontramos uma enfermaria montada na cidade de Alagoinhas para tratar os civis vindos de Canudos na condição de prisioneiros, mas ela não esteve sob a alçada da Faculdade de Medicina da Bahia. Em relatório entregue às pressas à *Inspectoria Geral de Hygiene do Estado da Bahia*, em 30 de janeiro de 1898, o médico cearense Américo Barreira e seu auxiliar, dr. Manoel Vergne de Abreu, narrou ali ter visto “as mais tristes scenas” quando da execução de seu trabalho.

Sob serviço contratado pela Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública do Estado da Bahia, cuja chefia encontrava-se nas mãos do político e médico baiano Sátiro de Oliveira Dias [membro do Comitê Patriótico da Bahia], o médico Américo Barreira, em 23 de outubro de 1897, assumiu a responsabilidade de organizar a enfermaria naquele Município e, por conseguinte, tratar os conselheiristas que vinham ‘escoltados’ pelo Exército desde Canudos. Ficara acertada, junto à Inspetoria Geral de Higiene da Bahia, chefiada pelo dr. Eduardo Gordilho Costa, uma comissão de 400\$00 mensais para a prestação de serviços médicos e cirúrgicos. O médico, ao analisar conselheiristas e militares doentes, expôs que:

“A peste, disse eu, adoptando este termo para traduzir genericamente o conjuncto de enfermidades que atacaram o exercito e os habitantes de Canudos, desde a varíola, importada de Pernambuco pelos batalhões vindos do norte, até as afecções proteiformes do aparelho gastrointestinal, desde as diversas manifestações do impaludismo até os animálculos asquerosos que revelam o extremo da immundicie, taes como os piolhos (*pediculi capilis*), as muquiranas (*pediculi vestimenti*), os bichos da mosca varejeira (a terrível *lucilia omnivora*), o bicho de pé (*pulex penetrans*), etc.

Canudos ou Bello Monte, como lhe chamam ainda os seus ex-habitantes sobreviventes, fôra, antes da guerra, um lugar salubérrimo; parece que o júizo do *mentecapto cearense* readquirira todas as condições de lucidez e integridade quanto teve elle de fazer a escolha de um local, que por sua posição e pela qualidade de seus terrenos viesse a ser um exemplo de salubridade e de perspectiva, podendo prestar-se ao mesmo tempo a todas as exigências da estratégia na arte da guerra.

(...) Canudos e os seus habitantes obedeciam a certa norma de vida; observava-se alli um regimen especial, em que, segundo ouvi de alguns dos officiaes mais distinctos do exercito e da policia, tinham particular acatamento e moralidade em geral e o asseio individual; existia ali uma hygiene, rudimentar mas pratica, proficua e salutar.”<sup>177</sup> [*grifo do original*].

<sup>176</sup> AFMB – Caixa Ano 1897 – Código: 01.07.0574. Maço Documentação referente à Guerra de Canudos.

<sup>177</sup> BPEB - BARREIRA, Américo. Relatório apresentado à Inspectoria Geral de Hygiene do Estado da Bahia em 30 de janeiro de 1898. p. 6 e 7. Código: Rel. BA – SES: 1897.

Diante do comentário de Américo Barreira, não podemos precisar até que ponto pode-se avaliar a Canudos antes da guerra no que toca a questões sanitárias, se estudos contemporâneos apontam para dimensões contrárias à do médico em Alagoinhas. Para Frederico Pernambucano de Mello, o cenário no Belo Monte era de pobreza e de precária estrutura sanitária.<sup>178</sup> O crescimento acelerado do arraial de Antonio Conselheiro, as casas quase que sobrepostas, particularmente em suas cercanias, o aparecimento de becos e vielas irregulares, o depósito de lixos e resíduos às margens do Vaza-barris, tudo contribuía para as más condições de higiene no arraial, abrindo caminho para mais variadas doenças.

Ainda anotou o médico Américo Barreira em seu documento que os habitantes de Canudos obedeciam uma certa norma de vida no que dizia respeito tanto à higiene pessoal, de acordo com o relatório apresentado, regra essa profícua e salutar quanto às vestimentas que apresentavam, de acordo com o médico, bem diferentes da dos soldados, que não primavam pela limpeza. Todavia, o autor afirma que, posteriormente à terceira expedição, “a população, sempre crescente, foi-se concentrando, com o accúmulo de muitos indivíduos em espaço que os não comportavam(sic) bem, foi pouco a pouco se modificando o estado sanitário geral do(sic) Bello Monte.”<sup>179</sup>

*Prisioneiros de Canudos recolhidos a cadeia da cidade de Alagoinhas [Annexo n.º 1], Prisioneiros de Canudos recolhidos á enfermaria n.º 1 [Annexo n.º 2] e Prisioneiros de Canudos recolhidos na enfermaria de variolosos de Alagoinhas de 22 de Outubro de 1897 a Janeiro de 1898 [Annexo n.º 3],* esses foram alguns dos espaços em que atuou o dr. Américo Barreira, mais duas relações constam em seu documento: catalogação de alagoinhenses vacinados e revacinados contra a varíola e outra, com o nome das pessoas removidas para desinfecção. (ver material completo em anexo).

Anna Josepha de Jesus, Joanna de Jesus, Anna Maria da Conceição, Maria Prima de Souza, Thereza de Jesus, Balbina Maria de Jesus e Joanna Rainha dos Anjos, entre 02 e 60 anos, algumas viúvas, solteiras e outras casadas, foram as que deram entrada à Enfermaria n. 1 com mais 21 mulheres. Ali somente 02 homens, ou melhor, crianças: José Venceslau, 08 anos e apresentava ferimento na região sacra e, João Ferreira Loyola, 08 anos, com ferimento por bala na região frontal.

Afora a violência pela qual passavam e os ferimentos causados por arma de fogo, a diarréia acometera 50% das mulheres instaladas naquela unidade,

---

<sup>178</sup> MELLO, Frederico Pernambucano. (2007). Op. cit. p. 94.

<sup>179</sup> BARREIRA, Américo. (1898). Op. cit. p. 9.

“pequeníssima, mal arejada, sem condição alguma que lhe pudesse valer o nome de enfermaria”<sup>180</sup> e muitas das prisioneiras também apresentavam bronquite, oftalmia e escoriações causadas por pancadas. Ali houve ainda um caso de aborto, datado de 7 de outubro cuja mãe chamava-se Maria S. do Espírito Santo.

Mulheres e crianças, sofrendo de diversas doenças, cansaço, sede e fome num trajeto entre o Belo Monte e a cidade de Alagoinhas (338 km), eram vítimas de numerosos maus tratos por parte dos que as *escoltavam*. No momento de descrever as “tristes cenas” que presenciara, o médico Américo Barreira apontou em seu relatório: “diga-se a verdade em nome da civilização e dos nossos sentimentos de brasileiros, grande numero de vencedores não souberam repellar impulsos poucos generosos e ímpetos de vingança. Dahi muitas atrocidades praticadas ao calor da victoria e em nome da Pátria e da República.”<sup>181</sup>

Na relação de *Prisioneiros de Canudos recolhidos a cadeia da cidade de Alagoinhas*, 23 homens, entre 12 e 55 anos, sofriam de diarreia, gastroenterite, disenteria, bronquite, fratura exposta e escoriações causadas por cordas. Mais, acerca da brutalidade pela qual passaram os(as) conselheiristas, também foram registrados em outros relatórios contemporâneos ao do médico da cidade de Alagoinhas. Conforme o Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia, há que:

“pelo distinto comandante do 28º batalhão de infantaria, capitão Manuel Luiz da Silva Daltro, nos foi entregue uma destas pobres vítimas de tão infame crime. É a menor Domingas Maria de Jesus, de 12 anos de idade, órfã de pai, morto nos últimos combates e filha da prisioneira Alexandrina Marques das Virgens, que se deve achar nesta capital. Foi desvirginada, violentamente, pela praça do 25º batalhão de infantaria de nome José Maria.”<sup>182</sup>

Alcida Maria de Jesus, Maria Joaquina da Costa, Constancia de Souza, foram algumas dentre as 46 mulheres que deram entrada como *Prisioneiros de Canudos recolhidos na enfermaria de variolosos* e, naquela unidade, 59,5% faleceram vítimas daquela epidemia. Algumas canudenses, as que foram curadas de varíola, sucumbiram pela inanição ou pela falta de medicamentos porque no transcorrer da atuação do dr. Américo Barreira, a Inspetoria Geral de Higiene efetuou *reiteradas recommendações de economia* no que dizia respeito à compra de medicamentos na farmácia da cidade.

---

<sup>180</sup> Idem. p. 14.

<sup>181</sup> Idem. p. 11.

<sup>182</sup> PIEDADE, Lélis. (organizador). (2002). Op. cit. p. 212. Ver também SINZIG, Pedro. *Reminiscências d'um frade*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Typ. das Vozes de Petrópolis, 1925.

O médico levantou em seu mapa que três crianças e quatro mulheres foram-lhe retiradas, de forma abrupta, por parte da comissão do Comitê Patriótico que por ali passara. Dois dias depois, mais mulheres foram solicitadas pelo delegado Theophilo Falcão, conforme o documento “sem assistência minha nem do meu distinto collega Dr. Manoel Vergne de Abreu, como se os médicos em comissão nesta Cidade fossem figuras secundarias ou completamente nullas. Não fomos ouvidos nem ao menos procurados...”<sup>183</sup> Detalhe, todas em processo de tratamento.

De todas as enfermarias, mapas e relatórios médicos que transcrevemos, em nenhum momento notamos algo similar ao detalhe que ocorrera na cidade de Alagoinhas. Hospitais de Sangue em Canudos, Monte Santo, Cansanção, Queimadas e Salvador – sítios de profundo desespero, solo fértil para a disseminação das mais variadas doenças, áreas não muito harmônicas entre as pessoas – não apresentaram uma particularidade que nos assaltou nesta narrativa do dr. Américo Barreira. Quando da chegada deste médico às enfermarias, notara ali a assídua frequência da população alagoinhense e de povoados vizinhos. Visitas estas que, segundo o médico, reproduziam verdadeiras romarias em direção aos conselheiristas feridos.

Ante a situação e preocupado com a possibilidade de expansão da varíola, o médico solicitou uma guarda militar ao capitão Agripino Antero Chaves e, por conseguinte, a intervenção no assunto, pois, de acordo com seu relatório, as famílias ali presentes, de todas as classes, não o recebiam de bom grado. Segue o médico dizendo que “eu vi, nas minhas primeiras visitas, que a maioria dessas procuravam minorar os sofrimentos daqueles infelizes, dando-lhes esmolos, catando-lhes, algumas mulheres, os piolhos, etc.”<sup>184</sup>

Das enfermarias ‘oficiais’ encontramos a entrada de bacias, de lençóis, de cigarros, de vinhos, de escarradeiras e dos profissionais restritos à área médica. Ao fragmento acima, ao menos em nossa constatação, liga-se uma representação popular do povo do Conselheiro. Alagoinhenses, distantes trezentos e trinta e oito quilometres do palco das operações, compreendiam a resistência de cada um ali *escoltado* pelo Exército e, amistosos aos canudenses, foram ao encontro talvez, não só dos combatidos, mas dos que tentaram lutar para manter seus ideais e sonhos.

---

<sup>183</sup> BARREIRA, Américo. (1897). Op. cit. p. 17. Sobre o destino de conselheiristas e as crianças que foram acolhidas pelo Comitê Patriótico da Bahia, ver PIEDADE, Lélis (Coordenador). (2002). Op. cit. p. 211. Especificamente *Da comissão especial nomeada para recolher as crianças sertanejas feitas prisioneiras em Canudos*.

<sup>184</sup> BARREIRA, Américo. (1897). Op. cit. p. 26.

Voltemos então à sala da Congregação da FMB e aos arredores da Praça da Sé na capital baiana. Corria 1º de outubro de 1897 e a Faculdade reabriu suas portas dando andamento ao ano letivo. Dia 23 do mesmo mês, reunido o corpo docente e administrativo no salão nobre, *atos comemorativos* marcaram o dia no Terreiro de Jesus. Imprensa, cavalheiros e senhoras, general Artur Oscar, *principais autoridades federaes e estadoaes*, miravam uma lápide dourada: “A Bahia eterniza n’este mármore o seu agradecimento aos Médicos, Pharmaceuticos e Academicos que exerceram o seu apostolado na dolorosa quadra de Canudos.”<sup>185</sup>

O professor Sebastião Cardoso, na incumbência de entregar o relatório de sua disciplina, concluía que o curso da cadeira de Química Analítica e Toxicologia fora irregular, por estar envolvido no tratamento dos feridos de Canudos. Já outros professores, como foi o caso de Fortunato da Silva Junior, apesar do ambiente caótico da guerra, o que lhe custara dois meses [agosto e setembro] de trabalho ininterrupto na enfermaria cuja chefia exercia, conseguiu, ao que consta em seu documento, concluir a parte prática de sua disciplina. Ao que nos parece, se não mais uma sugestão arriscada, prática esta conferida com os militares feridos de Canudos, isto é, um laboratório vivo.

Em comunicação à Congregação, o professor de *Therapeutica*, José Eduardo Freire de Carvalho Filho apresentou o seguinte relatório:

“... cabe-me informar que devido as grandes interrupções havidas no curso, já no mez de Junho com a costumada ausência dos estudantes, foi nos mezes de Agosto e Setembro por ocasião do tractamento dos feridos nos combates de Canudos não pude terminar o programa da cadeira que tive a honra de apresentar a Congregação, contudo expliquei mais da metade do mesmo programa, tanto no que diz respeito a theoria como a pratica.”<sup>186</sup>

Esses estudantes de *costumada ausência*, chegariam às portas da FMB em 25 de outubro, isto é, quase um mês depois do reinício das aulas. Todos foram às suas classes para realizar os exames de final de ano, aplicados em 15 de novembro. Quatrocentos e setenta e nove alunos realizaram 1.478 exames, de todas as séries e de todos os cursos (Medicina, Farmácia e Odontologia). Na terceira série do curso de medicina, quatro alunos não realizaram as provas por *inabilitações*. Entre os alunos de medicina, um lá faltava, pois falecera no hospital de sangue de Monte Santo de malária (Joaquim Afonso Pedreira). Na turma da primeira série de Farmácia retiraram-se do exame três alunos, um por moléstia. Dois estudantes de Farmácia da segunda série retiraram-se da sala de

---

<sup>185</sup> AFMB – Livro de Actas da Congregação. p. 199.

<sup>186</sup> AFMB – Caixa Ano 1897 – Código: 01.07.0574. Maço Documentação referente à Guerra de Canudos.

aula. Na terceira série também de Farmácia, mais uma *inabilitação*.<sup>187</sup> Mas, deixemos os estudantes para o próximo capítulo deste trabalho.

Na Memória sobre a Medicina na Bahia publicada vinte e seis anos depois da guerra no Belo Monte e um ano após seu falecimento, neste caso, naturalmente, publicação *in memoriam*, Antonio Pacífico Pereira expunha um ‘balanço’ da Guerra de Canudos, ou seja, também apresentava um de seus relatórios. Antes de entrar diretamente no assunto, o médico baiano reportara-se à outra Campanha também custosa à Faculdade: a Guerra de Paraguai; quando atenderam os médicos e estudantes de medicina do 4º, 5º e 6º ano, a pedido do Governo Imperial, alguns marcharam em direção à peleja travada na região fronteiriça do Prata.

Naquela região o estado sanitário mostrava-se desolador e a emergência de um serviço médico ali aparecera como fundamental à saúde das tropas. Entre as linhas de fogo da Guerra da Tríplice Aliança os soldados caminhavam dias a fio quase que submersos pela água. Muitos ali, acompanhados de suas mulheres, morreram afogados em meio àquela região pantanosa, outros caíam vítimas de febres, cólera e varíola. De acordo com Francisco Doratioto as más condições sanitárias do local de combate contribuíram para a disseminação de doenças agravadas ainda mais pelo contraste entre o frio glacial que pairava durante a noite e o sol abrasador do dia.<sup>188</sup>

Em decreto de 25 de agosto de 1866 (quatro anos antes da morte de Solano Lopez), “o Imperador sancionou a resolução da assembléia geral legislativa que autorizava diversas concessões e garantias aos professores, oppositores e alumnos da Faculdade de Medicina em serviço no exercito.”<sup>189</sup> Tal decreto garantia para os professores ex-combatentes da Tríplice Aliança, exclusividade de ingresso em concurso nas Faculdades de Medicina do Brasil; para os alunos, possibilidade se requeressem, ingresso no corpo de saúde do Exército.

Agora, com os olhos voltados para guerra sertaneja, Antonio Pacifico Pereira relatara que o “Governo Federal não recompensou nem considerou devidamente os beneméritos serviços da República pelo acto meritório de humanidade e patriotismo.

---

<sup>187</sup> BPEB – Relatório do Ministério da Justiça e Negócios Interiores – 1898. p. 321, 322 e 323. Os nomes dos alunos não são mencionados no referido Relatório.

<sup>188</sup> DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra – Nova história da Guerra de Paraguai*. 2ª edição revista pelo autor. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. p. 123 e 127.

<sup>189</sup> PEREIRA, Antonio Pacifico. *Memória sobre a Medicina na Bahia. Ciencia e pratica – Ensino Medico – Prophylaxia e Therapeutica Hygiene, C’linica Cirúrgica e Operações notáveis – As grandes curas e os grandes erros – Endemias, epidemias – Os médicos bahianos – Idéias e descobertas de médicos bahianos – A Faculdade de Medicina nos 100 annos*. BAHIA – Imprensa Oficial do Estado. 1923.

(...) A República em 1897 na Campanha de Canudos não imitou o Império em 1866 na Guerra do Paraguay.”<sup>190</sup>

Recorrendo à estatística do movimento hospitalar, elaborada pelo dr. Anselmo da Fonseca, o então, ex-diretor da Faculdade mostrava que os números não negavam os esforços dos professores em serviço, e que as dependências da instituição mostravam-se aparelhadas para atender os feridos ali recolhidos. Apontou seu relatório que 1630 feridos e doentes foram atendidos nos quatro *hospitais de sangue*, termo empregado por ele, e que “a mortalidade das 30 enfermarias em que se recolheram estes 1630 doentes (faltando somente a enfermaria n.º. 5 da Faculdade, de que não forneceu a directoria a relação dos seus doentes) foi de 25 que equivale a 1,53%.”<sup>191</sup>

Por fim, sensibilizava-se o médico baiano com os alunos Francisco dos Santos Pereira, Antonio Eustáquio da Silva e Joaquim Afonso Pedreira, que se prontificaram a tratar os militares feridos, mas faleceram no decurso do trabalho como auxiliares. O primeiro de infecção hospitalar na capital baiana e, o último, como já destacado, de malária em Monte Santo. A *causa mortis* de Antonio Eustáquio da Silva não consta na referida Memória do então ex-diretor da FMB e, tampouco, no Livro de Atas da Congregação.

É hora de passarmos a palavra para os alunos da Faculdade, isto é, suas *theorias* e *práticas* e a percepções sobre àquele sertão repleto de cadáveres insepultos. No entanto, o leitor(a) tem a opção de seguir direto para o próximo capítulo ou espiar o próximo ítem e perceber que a medicina dos professores e alunos, entorpecidos pelo “progresso da ciência”, não era única forma de curar fosse as chagas da carne ou as carências do espírito.

### 2.3. As curas, a crença na ciência e o destino dos incivilizados

No decorrer do século XIX, independente de suas décadas, a profissão médica no Brasil estava em processo de ascensão e legitimação, isto é, os médicos das Escolas de Medicina [Bahia e Rio de Janeiro], apesar da pretensão, não controlavam sozinhos as práticas de cura que havia no país.<sup>192</sup> Desde o período colonial curandeiros, parteiras, ervanários e benzedeiros mitigavam as dores dos que a eles recorriam e, em muitos

---

<sup>190</sup> Idem. p. 244 e 245.

<sup>191</sup> Idem. p. 244.

<sup>192</sup> SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura – as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001. p. 44.

momentos, eram mais consultados e visitados que propriamente os gabinetes médicos. O caráter anti-popular da medicina científica pode ser exemplificado pela descontinuidade no discurso médico ante as causas de diversas doenças, sobretudo as epidêmicas; e, por outro lado, havia o aspecto financeiro, isto é, gabinetes e consultórios eram caros a maior parte da população pobre.

O trabalho de Jaqueline de Almeida Pereira, *Práticas mágicas e cura popular na Bahia (1890 – 1940)* – embasado em fontes como as teses da Faculdade de Medicina da Bahia, em processos-crime e na imprensa – é ainda mais elucidativo sobre a procura pela medicina praticada fora dos muros acadêmicos e à perseguição pela qual sofriam os ‘curadores informais’. A busca pela medicina especializada estava, em muitos casos, restrita às classes com mais condições financeiras que outras. Não obstante, a maior parte da população, independente de rica ou pobre, recorria à curandeiros de todos os feitios, parteiras e boticários, aliás, segundo Jaqueline Pereira, fenômeno este presente até os dias atuais.<sup>193</sup>

Ao mesmo tempo, é relevante comentar que os estudos dedicados às práticas da ‘medicina popular’ ressaltam seu caráter de organização e autonomia de uma população, até pouco tempo, trancada na gaveta da história. Apesar de conviverem no mesmo espaço social, “os médicos metropolitanos e, depois, os profissionais formados nas primeiras escolas de medicina – Bahia e Rio de Janeiro, em 1808 –, sempre se viram confrontados a outros práticos que se dedicavam às artes da cura. Barbeiros, parteiras, curandeiros, pajés, boticários, sangradores.”<sup>194</sup> É ainda mais notório que durante a instauração do regime republicano, o saber médico não respeitava e, quando possível, limitava o poder de ação dos curadores populares. Anos após a contestação à diversidade das práticas de cura é que as academias de medicina começaram a reconhecer o aspecto medicinal dos *chazinhos*.<sup>195</sup>

Paralelo àquela variedade profissional, isto é, os de dentro e os de fora das escolas de medicina, não havia coesão entre as discussões médicas em lidar com a saúde pública no Brasil porque quando havia, o jogo da politicalha as fragmentava. O ‘jogo de empurra’ institucional na capital federal, no que se refere às responsabilidades das Câmaras Municipais em executar a legislação concernente aos ofícios de curar,

---

<sup>193</sup> PEREIRA, Jaqueline de Almeida. *Práticas mágicas e cura popular na Bahia (1890 – 1940)*. Bahia: UFBA – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. (Dissertação de Mestrado), 1998. p. 36.

<sup>194</sup> DANTES, Maria Amélia. *A implantação das ciências no Brasil – um debate historiográfico*. In: ALVES, Jerônimo (org.). *Múltiplas faces da história das ciências na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2005. p. 42 e 43.

<sup>195</sup> PEREIRA, Jaqueline de Almeida. (1998). Op. cit. p. 47.



frequentemente esbarrava em falta de ‘prática e de funcionários’ e, em alguns casos, retornavam ao órgão federal, reclamando sua incapacidade em lidar com problemas objetivos, como, por exemplo, inibir o trabalho de pessoas ‘não cadastradas’ à medicina acadêmica.

Por outro lado, leis e reformas que, dentre outros objetivos, desejavam inibir o campo de atuação dos médicos não oficiais, atingiam diretamente a organização e a independência das Faculdades de Medicina do país. Particularmente sobre este aspecto, o diretor da FMB durante a Campanha de Canudos, Antonio Pacífico Pereira, comentou em sua *Memória* que as reformas propostas pelos médicos-políticos nos gabinetes da capital federal, não produziam os resultados almejados pela classe de professores, seus colegas.

De acordo com o levantamento que fizera acerca das reformas pelas quais sua Faculdade passou no transcorrer dos anos 1815, 1832, 1854, 1879, 1882, 1891, 1901, 1911 e 1915, tais como: revisão de currículo, re-elaboração do processo de seleção de alunos, ampliação da Biblioteca, autonomia de ensino e prática no que toca ao trabalho dos professores e parcas finanças para lidar com os gastos da instituição [Biblioteca e laboratórios], notou o dr. Pacífico Pereira que esta instituição esteve sujeita aos melindres da política central e local, pois muitos médicos exerciam funções públicas, alguns eram políticos com voz de comando e significativo poder de influência. Ainda nas palavras do memorialista,

“a influencia da política de favoritismo e de arbítrio nas investiduras do magistério, ...as concessões pessoasas, com flagrante violação da lei e do regimen escolar, favorecendo a insufficiencia, a mediocridade e a indisciplina, - arrastavam a completa ruína a obra de reconstrucção fundamental que o advento da República projectára...”<sup>196</sup>

O resultado imediato destes litígios políticos para a Faculdade, conforme as anotações do professor, era a profunda desorganização e decadência do sistema acadêmico. Mais sobre os limites das reformas na área da medicina acadêmica nos traz Luiz Otávio Ferreira. Avalia o autor que, pelo menos, durante grande parte do século XIX, a atuação das escolas médicas no esforço da expansão quantitativa e de renovação epistemológica da medicina ficou muito aquém da expectativa.<sup>197</sup> Entrementes, a essas atitudes reformistas, que buscavam a uniformização do saber, acoplavam-se diversas leis e decretos que eram lançadas com a conivência de autoridades políticas e da

---

<sup>196</sup> PEREIRA, Antonio Pacífico. (1923). Op. cit. p. 102.

<sup>197</sup> FERREIRA, Luiz Otávio. *Medicina Popular – Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830 – 1840)*. In: CHALHOUB, Sidney. (2003). Op. cit p. 102 e 103.

imprensa [médica ou não], com intuito de não banir, mas, ao menos, reduzir as ações de ‘médicos populares’, pois a medicina “é política tanto pelo modo como intervém na sociedade e penetra em suas instituições, como pela sua relação com o Estado. Ela precisa do Estado para realizar seu projeto...”<sup>198</sup>

O exemplo de uma relação entre médicos e Estado, como podemos observar no decurso deste capítulo, fora o da FMB com outras instituições. Manteve-se ali estreito convívio do início ao fim da Campanha de Canudos com os *líderes do progresso*. Os relatórios dos professores, alguns, sensibilizaram-se diretamente com os *heroes da Republica e cidadãos da Nação*, e isto nos permite afirmar que os que não estavam ali, em luta pelo novo regime, a ele, *naturalmente*, não pertenciam, isto é, os *incivilizados*.

Dentro dos gabinetes dos professores da Faculdade, seus livros e cadernos discutiam, com uma gama de ouvintes, *modernidade, raça, mestiçagem, sanitarismo, higienismo, civilização, barbárie, evolução e involução da espécie humana*. Esses conceitos davam o tom nessas rodas formadas por catedráticos e alunos tanto do curso de Medicina quanto de Direito. Todos crentes de que uma *sciencia* com métodos, regras e resultados poderia conduzir todos os habitantes do planeta em direção ao *progresso*. Canudos, segundo àqueles intelectuais da república, caminhava em sentido contrário.<sup>199</sup>

O século XIX, em que “a maioria dos continentes toma de empréstimo da Europa sua civilização, seus costumes, mesmo em sua forma exterior...”<sup>200</sup>, projetara a *sciencia* como responsável pela explicação do mundo. Tanto ali como no Brasil, o *scientista* ganhou destaque e, sobretudo, maior independência.<sup>201</sup> Aqueles conceitos deveriam ser, ou melhor, foram impostos a uma significativa parcela da população do país, tanto do interior quanto das capitais, o que gerou respostas das mais diversas. A busca pelo progresso atingia diretamente as camadas mais suscetíveis às atitudes das autoridades de cada governo que, com o braço armado do Exército e a pena forte dos intelectuais da república, reprimira os sonhos alheios.

Antônio Conselheiro e seus seguidores apareciam cientificamente atrofizados à imensidão do saber instituído pelos bacharéis, visto que, um arraial montado à feição sertaneja, negra e indígena, por conseguinte, mestiça; não poderia receber um

---

<sup>198</sup> LOPES, Fábio Henrique. *Análise historiográfica e história da medicina brasileira*. Juiz de Fora: LOCUS. v. 9, n.2, 2003. p. 103.

<sup>199</sup> Mais detalhes sobre o assunto em: COSTA, Flávio J. Simões. *Antonio Conselheiro: uma reformulação à luz da Psicologia Social*. Bahia: UFBA – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. (Mestrado em Ciências Sociais). 1968. p. 30 a 105.

<sup>200</sup> RÉMOND, René. *O Século XIX (1815 – 1914)*. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 203.

<sup>201</sup> SCHWARTZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 29.

tratamento extemporâneo ao predomínio do discurso em prol das *boas civilizações*. Na opinião de uma testemunha ocular, a que levara o *litoral positivista* ao *sertão bárbaro*, estavam ali os “feridos pela fatalidade das leis biológicas, chumbados ao plano inferior da raça menos favorecida.”<sup>202</sup>

Como veremos a seguir, os habitantes do arraial de Antonio Vicente ganharam os mais habituais adjetivos da linha científica do século XIX, isto é, predominante nos meios acadêmicos. Médicos, futuros médicos e advogados percebiam ali os degenerados, bandidos, facínoras e horda de jagunços cegos pelas prédicas do beato. Cumpria ali a *linguagem* a sua função. Os dedicados a zelar pelo *Belo Monte*, eram vistos como os *fanáticos de Canudos*. Mas, se seguirmos a leitura, perceberemos que nem todos do *lado de cá*, marcharam na mesma direção.

---

<sup>202</sup> CUNHA, Euclides. *Os Sertões – Campanha de Canudos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975. p. 88.

## CAPÍTULO III

### 75 LÉGUAS ENTRE A VIDA E A MORTE: OS ACADÊMICOS NO *FRONT*

“A deficiência de médicos no teatro da luta fez-me appellar para um offerecimento expontaneo da Academia de Medicina do Estado por parte de seus professores. Com a declaração, porém, de que este offerecimento restringia-se a serviços médicos nesta Capital, appellei para a generosa mocidade acadêmica, que não se fez esperar, dando o tão tocante quão admirável exemplo de marcharem sessenta e dois estudantes de annos diversos para o campo da luta a auxiliar nos hospitais de sangue os médicos militares delles incumbidos.”<sup>203</sup>

“As formas clínicas dos shocks são diversas; pallido, indifferente ao exterior, não responde as questões solicitadas à sua opinião sem olhar sequer para o cirurgião, insensível a dor, de olhar fixo, respiração lenta, pulso fraco e lento, muitas vezes intermitente, pelle fria, sucedendo-se algumas vezes a reacção, e o doente morre. (...) Os feridos atacados tem agitação violenta, terror ou raiva, entregam-se a movimentos desordenados, fallam com vivacidade, narram ao vivo as peripécias do combate, nas quaes tomaram parte, ululam ameaças aos inimigos.”<sup>204</sup>

#### 3.1. À linha de fogo: ir ou não?

Drs. Ildefonso Teodoro Martins, Agripino Ribeiro Pontes, José de Miranda Cúrio, Alexandre da Silva Moura, João Gonçalves Ferreira Correia da Câmara, Artur Eduardo Seixas, Carlos de Oliveira Costa, Breno Bráulio Muniz, Emílio Paulo dos Santos Pereira, Álvaro Teles de Meneses e Luis José Correa de Sá foram alguns dos médicos-militares que, com o salário dobrado, aturam em Canudos e suas adjacências.<sup>205</sup>

---

<sup>203</sup> Mensagem apresentada a Assembléa Geral Legislativa pelo Exm. Sr. Dr. Luiz Vianna – Governador da Bahia em 14 de Abril de 1898. BAHIA: Typografia do Correio de Noticias. p. 10. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u013/000070.html>. Acesso: 02/10/2008.

<sup>204</sup> TORRES, Alcides de Britto. *Feridas por projectis e seu tratamento em Campanha*. Ano: 1902. p. 54 e 55. In: AFMB – THESES. Código da tese: 102 – H.

<sup>205</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais*, 4ª edição. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1994. p. 280 e 332.

**Quadro – 6**  
**EFETIVO MÉDICO DO EXÉRCITO**

<b>MÉDICOS</b>	<b>1897</b>	<b>FARMACÊUTICOS</b>	<b>1897</b>
General de Brigada	02	Ten. Coronel	02
Coronel	04	Major	02
Ten. Coronel	10	Capitão	07
Major	31	Tenente	27
Capitão	58	Farm. Adjunto	51
Tenente	22		
Méd. Adjunto	56		
	<b>183</b>		<b>89</b>

FONTE: SILVA, Alberto Martins da. *O apoio de Saúde na Campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Revista do Exército Brasileiro. jan./mar, 1990.

Entre médicos-militares e adjuntos que compunham a força efetiva do Exército nacional no ano de 1897, marcharam, entre dezembro de 1896 e outubro do ano seguinte, 43, ao lado de 15 farmacêuticos, isto é, uma cifra de 33,8% e 16,8%<sup>206</sup>. Os quarenta e três médicos ali presentes espalharam-se por Queimadas, Monte Santo e Canudos. Numa distribuição rápida e arriscada, por não possuímos os números de enfermeiros em auxílio aos médicos e acadêmicos de medicina, seriam cerca de quatorze médicos-militares por Hospital de Sangue, sem levar em consideração os casos de deserção, as recusas<sup>207</sup>, os que se retiravam acometidos por doenças e os que morreram em plena quadra do confronto (drs. Fortunato Raimundo de Oliveira, Alfredo Augusto Gama e João Tolentino Barreto de Albuquerque). Este corpo sanitário deveria tratar dos soldados em Canudos, isto é, mais de 6000 combatentes [tanto forças federais quanto estaduais].

Os professores da Faculdade de Medicina da Bahia, mesmo sob promessa de pagamento, não atravessaram o estado em direção ao sertão para aliviar as chagas dos oficiais e soldados combalidos pelo fogo ou pela peste. Por quê? Seriam os ferimentos por armas de fogo restritos à medicina castrense? Nenhum médico civil poderia ali exercer suas habilidades? Haveriam conflitos entre médicos civis e médicos do Exército em pleno palco das operações? As Atas da Congregação da Faculdade do Terreiro de Jesus e o Relatório do Ministério da Guerra não contemplaram estas questões. Alvim

<sup>206</sup> SILVA, Alberto Martins da. *O apoio de Saúde na Campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Revista do Exército Brasileiro. jan./mar, 1990. p. 15.

<sup>207</sup> BPEB – Jornal *Diário de Notícias* em 19 de julho de 1897 referindo-se à médicos que trabalhavam na capital federal: *Recusa dos médicos – Está sendo muito commentada a recusa dos médicos designados para seguir para Bahia*. p. 1.

Martins Horcades, então com 19 anos e aluno do primeiro ano do curso de medicina, atravessou a linha de fogo e voltando à Salvador escreveu:

“Quando os apóstolos da Caridade e os ministros da sciencia de Esculpaio, aquelles que já tinham obtido o que procuramos conquistar e a quem competia mais a missão de levar o alivio aos que soffriam, recusaram-se ou não se collocaram em seus postos, nós, apesar de poucos conhecimentos que tínhamos, nos puzemos no logar d’elles e marchamos para o local...”<sup>208</sup>

Dentre os 479 alunos matriculados naquele ano de 1897, 326<sup>209</sup> eram do curso de medicina e 62 foram ao *front*, exatamente 19% do corpo discente. No campo hipotético, o mesmo cálculo que incidimos sobre os médicos militares nos parece cabível aos acadêmicos: entre as enfermarias de Queimadas, Cansação, Monte Santo e Canudos, em média 15 alunos trabalhariam em cada hospital de sangue.

Em 19 de março de 1897, isto é, quatro meses antes do envio do primeiro grupo de estudantes aos hospitais de sangue tanto da linha de fogo quanto da retaguarda, 91 estudantes das escolas superiores da Bahia [Engenharia, Medicina e Direito] assinaram um manifesto de apoio a seus colegas e aos defensores da República em outros estados. Nesta mensagem, quinze dias após a morte do coronel Antonio Moreira César, os alunos mencionam o exagerado radicalismo republicano quando das perseguições sofridas a “um partido, que vive de recordações saudosas e de censuras amargas.”<sup>210</sup>

Neste mesmo documento, os estudantes se propunham a defender a Bahia no que dizia respeito às injustas acusações de cumplicidade monarquista e, concomitante a isto, explicar as razões pelas quais eles e a ‘a Bahia inteira’ mantiveram-se ‘relativamente calmos’ quanto ao desenvolvimento do arraial de Canudos e, por conseguinte, sua ameaça ao regime republicano.

A justificativa dos alunos que, segundo eles, abarcava, igualmente, a opinião da Bahia inteira, centrava-se na de que os acadêmicos das escolas superiores não percebiam que, ali no interior do estado, uma *horda de ignorantes seguidores de um degenerado*, poderia oferecer perigo ao regime político em vigor e se assim se configurasse, a atuação das forças militares debelaria o levante.

Contudo, ante o fracasso de Moreira César e a mobilização nacional na construção do terror ao redor de Antonio Conselheiro e seus seguidores, os alunos selaram o documento com a proposta que segue: “quando a Pátria precisar de nós,

---

<sup>208</sup> HORCADES, Alvim Martins. (1899). Op. cit. p. 6.

<sup>209</sup> BPEB – Relatório do Ministério da Justiça e Negócios Interiores – 1897/1898. p. 321, 322 e 323.

<sup>210</sup> CEB / UFBA – MANIFESTO dos estudantes das Escolas Superiores da Bahia. Bahia: Typographia do Correio de Notícias, 1897. p. 1 a 7.

saberemos cumprir o nosso dever pela integridade do nosso território, pela Liberdade, pela República, pela honra do Brazil, derramaremos o nosso sangue e cahiremos satisfeitos com a suprema felicidade do dever cumprido rectamente.”<sup>211</sup> Dentre os dezoito alunos de medicina e farmácia que assinaram o referido manifesto, cinco foram ao palco das operações militares no interior da Bahia: Antonio Bomfim de Andrade, Carlos Cavalcanti Mangabeira, Joaquim José Xavier, Prudente de Oliveira Cunha e Alvim Martins Horcades.<sup>212</sup>

No Livro de Atas da Congregação da Faculdade, nas sessões de 28 e 30 de outubro, foi registrado que os alunos se dedicaram *espontanemente* às vítimas da Campanha. No entanto, neste mesmo Livro, no diálogo entre o diretor Antonio Pacífico Pereira e o ministro da Justiça de Negócios do Interior, Amaro Cavalcanti, em telegrama nº. 262, consta que em fins de julho foram *contratados* diversos alunos das diferentes séries para prestar serviços médicos em Queimadas, Monte Santo e no Alto da Favela, em Canudos.

Há, no mesmo Livro de Atas, que no dia 27 de julho, para o palco de combate, seguiram vinte e cinco alunos, indo depois uma outra turma. Neste documento não existe menção ao total de alunos enviados, há um espaço vazio no documento.<sup>213</sup> Como destacado em capítulo anterior, contamos 33 estudantes do curso de medicina que foram à zona de combate distribuídos da seguinte forma: da sexta série, 7, da 5ª, 4, da quarta série, 7, da 3ª, 9, da segunda série, 1, e da primeira série, 5.<sup>214</sup>

Acerca do assunto “*contratados e espontâneos*”, o primeiranista Alvim Martins Horcades comentou que tanto ele quanto seus colegas expedicionários foram impelidos por ordem superior a cumprir as tarefas no teatro das operações militares. Reclamava o autor a inexpressiva atitude do Governo Federal para com ele e seus companheiros que foram ao quartel de Canudos.

Nas palavras do jovem combatente, o presidente da República Prudente de Moraes enviou ofício agradecendo a atitude desinteressada daquela mocidade em prestar seus serviços à nação, mas nenhum outro incentivo fora cogitado a não ser frases nobiliárquicas e altruístas. Neste mesmo trecho de seu livro *Descrição de uma viagem a Canudos*, Horcades registrou que o governo estadual concedeu uma gratificação

---

<sup>211</sup> Idem. p. 7.

<sup>212</sup> CEB / UFBA – MANIFESTO dos estudantes das Escolas Superiores da Bahia. BAHIA: Typographia do Correio de Notícias, 1897. p. 7.

<sup>213</sup> Livro de Actas da Congregação da Faculdade de Medicina. p. 199. AFMB.

<sup>214</sup> Ver material anexo: BREVE RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS DE MEDICINA DA FACULDADE DE MEDICINA E PHARMACIA DA BAHIA NA CAMPANHA DE CANUDOS [4ª EXPEDIÇÃO].

pecuniária aos estudantes, quantia esta, segundo o aluno, para uma alimentação um pouco melhor que a dos soldados.<sup>215</sup>

Concluindo, o futuro médico expôs seu descontentamento perante o tratamento que recebera ele e seus colegas da seguinte forma: “pois bem... reverta Sua E<sup>xa</sup>. tudo quanto a nós cabia para dar aos thuriferarios do poder, à sua parentela política, aos que sorvem do tesouro nacional o producto do trabalho de um povo, que derrama o seu suor para poder obtel-o e que em troca só haure misérias e amarguras...”<sup>216</sup>

Almachio Diniz, biógrafo do poeta e médico baiano Francisco Cavalcanti Mangabeira, que atuara em Canudos e em suas cercanias no decurso da batalha, teceu algumas linhas acerca da participação deste jovem terceiranista de medicina nos hospitais de sangue instalados pelos médicos-militares. No que toca especificamente à partida dos estudantes da FMB em direção ao arraial, o autor nos confere que tanto Francisco Mangabeira, o irmão Carlos Mangabeira [estudante de farmácia] e os demais colegas expedicionários, prestaram seus serviços *gratuitamente*.<sup>217</sup>

Quarenta e cinco anos após o combate, Francisco Xavier de Oliveira que na época era aluno do quarto ano do curso de medicina e esteve entre os estudantes expedicionários da segunda turma enviada ao local do conflito em três de agosto de 1897, escreveu que, tanto ele quanto seus colegas, trabalharam *voluntariamente* no quartel das operações, exceto os doutorandos Antonio Nicanor Martins Barbosa, Cristiano Sellmann Junior, Eduardo Britto e Tranquilino Torgalino de Oliveira, contratados como médicos militares.<sup>218</sup> Todavia, alguns alunos do sexto ano, permaneceram em Salvador para ali tratar dos feridos que chegavam, foi o caso do estudante José Olympio de Azevedo Filho, filho do vice-diretor da Faculdade durante o ano da guerra, José Olympio de Azevedo.

O capitão Manoel Benício, correspondente do periódico carioca *Jornal do Comércio*, esteve no Hospital de Sangue em Queimadas a 8 de setembro, espaço de tempo que compreende mais de um mês após a chegada da segunda turma de acadêmicos da FMB naquela vila. Ressaltou, o correspondente de guerra em sua matéria, a maneira louvável pelas quais os alunos Eduardo Britto e Cristiano Sellman

---

<sup>215</sup> HORCADES, Alvim Martins. (1899). Op. cit. p. 155.

<sup>216</sup> Idem. p. 156.

<sup>217</sup> DINIZ, Almachio. *Francisco Mangabeira – criação e critica*. Rio de Janeiro: Typ. da Escola Profissional, 1929. p. 199.

<sup>218</sup> OLIVEIRA, Francisco Xavier de. (1942). p. 105.



desempenhavam o trabalho no que se refere ao tratamento dos variolosos e concluía que ambos haviam estabelecido contrato com o governo.<sup>219</sup>

Nove dias após a chegada da segunda turma de acadêmicos ao Hospital de Sangue em Queimadas, o correspondente do periódico soteropolitano *Diário de Notícias* se encontrava no referido hospital e noticiou que ante o número de feridos ali instalados, seis acadêmicos prestavam seus serviços auxiliando os médicos do Exército, cada acadêmico com dois enfermeiros à disposição, e todos sob a fiscalização de um médico. Detalhe, o autor finaliza a matéria da seguinte forma: “consta por aqui que o governo vai conceder as honras de tenentes-médicos aos acadêmicos.”<sup>220</sup> Os seis acadêmicos eram, o já muito doente César Francisco Gonçalves [aluno de Farmácia], Vitor Francisco Gonçalves [1ª série de medicina], Joaquim Afonso Pedreira [calouro de medicina que falecera em Monte Santo], Alvim Martins Horcades [1ª série], Antonio Epaminondas Gouvêa [aluno de Farmácia], Pio Artur de Souza [curso de Farmácia] e Antonio Romão Cavalcanti [também estudante de Farmácia].

Ainda na capital Salvador, às oito horas e meia da noite do dia 24 julho, isto é, três dias antes do embarque da primeira turma enviada ao palco da luta, o terceiranista de medicina Theophilo de Holanda Cavalcanti e o estudante do curso de Farmácia, igualmente do terceiro ano, Akilles de Farias Lisboa apresentaram comunicação ao jornal *A BAHIA* acerca das contratações dos alunos que seguiriam aos hospitais de sangue em Canudos.

Theophilo Cavalcanti e Akilles Lisboa subscreveram que tanto o *Diário de Notícias* quanto o *Jornal de Notícias* (jornais baianos), estavam equivocados ao publicarem que o governo Luiz Vianna abrisse *concurrentia* para que os alunos, candidatos à expedição, migrassem em direção ao arraial de Canudos com intuito de auxiliar os médicos das forças republicanas nos hospitais de sangue. Mais, os alunos supracitados, que assinavam em nome dos acadêmicos da Faculdade, não poderiam ser contratados, pois já que haviam, em meses precedentes, oferecido seus serviços ao governo do estado. Como consta no *A BAHIA*, desde a solicitação efetiva por parte do governador, os acadêmicos se apresentaram ao chefe da Secretaria de Polícia e Segurança Pública do Estado da Bahia para, a partir dali, receberam as devidas instruções.

---

<sup>219</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). (1994). Op. cit. p. 333.

<sup>220</sup> Idem. p. 123.

Nas palavras dos dois terceiranistas, não aceitariam os alunos nenhuma remuneração para trabalhar nos hospitais de sangue porque tinham ali naquela empreitada interesses comuns: amor, dever e abnegação à República. Aliás, fizeram eles a notificação de que esperavam do governo, se remunerações recebessem, necessitariam somente dos meios de transporte e de subsistência no campo de batalha. E segue a comunicação: “S.s. [*chefe da Secretaria de Polícia*], de perfeito accordo comnosco, disse então que, não como paga, mas para essa garantia, que pedíamos, nos marcaria quantia precisa. Foi o que se deu. (...) Não somos, pois, contractados.”<sup>221</sup> [*grifo nosso*]

Abandonemos um pouco os jornais. Em pesquisa sobre a história do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro, o dr. Arthur Lobo da Silva, biografando o trajeto militar do dr. Francisco Severiano da Fonseca, Inspetor Geral do Serviço Sanitário do Exército no período da guerra travada em Canudos, anotara que durante sua segunda fase de trabalho, o chefe, dr. Francisco Severiano, nomeou vários estudantes de medicina que colaboraram como os oficiais de saúde nos hospitais de sangue montados no quartel em conflito.<sup>222</sup> Neste mesmo estudo do dr. Arthur Lobo, o nome do 14º Diretor do Serviço de Saúde do Exército, o General de Brigada-Médico Sebastião Ivo Soare, aparece entre os biografrados.

Sebastião Ivo Soares, paraibano, era aluno da 3ª série de medicina naquele sertão conflagrado, e seu campo de atuação desenrolara-se entre 12 léguas: Queimadas e Monte Santo. Segundo o coronel-médico Arthur Lobo da Silva, o dr. Sebastião Ivo Soares foi, sem direito à réplica, exonerado e reformado do cargo quando do golpe de 1930, perpetrado por Getúlio Vargas. Motivo do afastamento: por contar o médico, na corporação militar, mais de vinte e cinco anos de serviço. No Livro de Registro de Diploma da Faculdade de Medicina da Bahia, Ivo Soares formara-se em 1900, defendendo com plenitude perante a banca arguidora a tese *Tracheotomia – suas indicações e accidentes*. Deste modo, o espaço de tempo entre a campanha sertaneja e a ‘revolução’ de 1930, compreende mais de 25 anos de trabalho.

Alvim Martins Horcades comentou inúmeras vezes que, incumbido do seu ofício de auxiliar dos médicos-militares, teve como único fim prestar serviços como apóstolo da caridade, combatente da civilização contra a barbárie e defensor da causa patriótica. O caso de Sebastião Ivo Soares, poderia nos aproximar de uma hipótese em que a

---

<sup>221</sup> BPEB – Jornal *A BAHIA* de 25 de julho de 1897. p. 2.

<sup>222</sup> SILVA, Arthur Lobo da. *O Serviço de Saúde do Exército Brasileiro: História evolutiva desde os seus primórdios até os dias atuais*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1958. p. 49. O autor não especifica as nomeações e, tampouco, menciona o nome dos alunos.

escolha do futuro médico nasceu de sua observação pessoal da prática médica, ou porque não, pela sedução que a farda lhe causara.

Em análise acerca das condições técnicas dos laboratórios e do ensino prático da FMB no transcorrer da segunda metade do Oitocentos, Marcos Augusto Pessoa Ribeiro, ao estudar as Memórias Históricas, escritas pelo professores daquela instituição científica, notara mais outros motivos que determinavam as limitações no que se refere às investigações científicas de caráter experimental, tais como: excessiva feição teórica das disciplinas ministradas pelos professores, problemas financeiros que comprometiam a aquisição de equipamentos atualizados, falta de cadáveres no laboratório de anatomia, baixa remuneração dos professores e finaliza sua abordagem levando em consideração que na relação entre o ambiente de trabalho e o esforço que deveria ser despendido, alguns professores tendiam a adotar a estratégia do ‘gasto mínimo de energia’. Em alguns casos, seguindo o estudo de Marcos Ribeiro, os professores “se limitavam a cumprir, estritamente, o horário fixado de trabalho. Eles não costumavam ficar, por iniciativa própria, trabalhando nos laboratórios em novas experiências, o que seria necessário para desenvolver uma atividade científica criativa e inovadora.”<sup>223</sup>

Conjeturando ainda mais sobre a escolha de alguns estudantes em participar ou não das turmas em expedição ao interior do estado, não negligenciemos aqui àqueles alunos que migraram ao campo de batalha com o objetivo de conhecer na prática a arte de operar, analisar um cadáver, manejar um instrumento até então distante de sua realidade acadêmica, isto é, o viver em um gigantesco laboratório. Mencionamos em capítulo anterior a extensão cognitiva das práticas médicas em um ambiente de guerra. Os professores da FMB, ao retornarem da Campanha do Prata, manifestaram um relevante interesse pela atividade prática, o que contribuíra ainda mais para a disseminação da idéia.<sup>224</sup>

Os correspondentes da imprensa que atuam em Canudos e em suas imediações, se encarregavam de, detalhadamente, emitir notícias do *front*, dentre algumas, os procedimentos cirúrgicos aplicados por alguns médicos em pleno cenário de guerra.<sup>225</sup> O mesmo ocorreu na capital Salvador. O jornal soteropolitano *Diário de Notícias* publicou em 21 de agosto em matéria subsequente à manchete intitulada *Canudos e Comitê Patriótico da Bahia* o seguinte subtítulo:

---

<sup>223</sup> RIBEIRO, Marcos Augusto Pessoa. (1997) *A Faculdade de Medicina da Bahia na visão de seus memorialistas – 1854 – 1924*. Bahia: EDUFBA, 1997. p. 54.

<sup>224</sup> RIBEIRO, Marcos Augusto Pessoa. (1997). Op. cit. p. 53.

<sup>225</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). (1994). p. 299 e 407.

“Hospital do Mosteiro de São Bento – Movimento de hoje, da 1ª enfermaria a cargo dos drs. Affonso de Carvalho e Lopes Rodrigues. Existiam em tratamento 43, sahiram curados 9, desertou 1, entraram no dia 20, 9; existem em tratamento 42.

Foram feitas as seguintes intervenções: Desarticulação de uma phalangeta. Extracção de uma bala no braço direito. Reducção de uma luxação no coxofemural. Reducção e applicação de aparelho em uma fractura do radius. Reducção de applicação de aparelho em uma fractura exposta de uma phalangeta. Reducção e applicação de aparelho em uma fractura do humerus.

São interno hoje os acadêmicos Manuel Dias Filho e Antonio Gonçalves Moreira.”<sup>226</sup>

Assim, tanto o campo de batalha sertanejo quanto a capital ‘transformada em hospital’, poderia proporcionar em alguns auxiliares de médicos civis ou do Exército uma transição da observação pessoal para a prática pessoal. Não esqueçamos que 81% dos trinta e três alunos de medicina que exerceram suas habilidades no teatro das operações, estavam cursando ou já haviam cursado as disciplinas de anatomia humana, patologia cirúrgica, anatomia cirúrgica e higiene.

A carta que segue foi escrita durante o mês de agosto de 1897<sup>227</sup>, por João Ferreira de Araújo Pinho Júnior, filho de Tereza Mello Araújo Pinho e João Ferreira de Araújo Pinho, advogado e político baiano, governador do estado entre 1908 e 1911. Araújo Pinho Júnior era estudante do curso de medicina da Faculdade baiana e sua mensagem ao pai, descrevendo sua passagem pelas enfermarias em Salvador – marcada por um *finalmente* e concluída pela *paixão* despertada pela cirurgia – nos parece mais um vestígio da sede que havia dentro da Faculdade acerca do conhecimento prático, tão carente ao curso.

“Nesse dia fez o Dr. Freitas [*Carlos Freitas, professor de Anatomia médico-cirúrgica*] a extracção de uma bala, e como eu o acompanho sempre, me chamou, ensinou-me a sondar a ferida repetidas vezes, e finalmente ajudei-o [*doc. mutilado*] operação que foi muito demorada, e como mostrasse um pouco impaciente por não ter terminada a operação, disse: “Menino, [*doc. mutilado*] lembre-se do ditado: a pressa é inimiga da perfeição.” (...)

Apezar do muito trabalho sinto-me [*doc. mutilado*] apaixonado pela cirurgia.”<sup>228</sup> [*grifo nosso*].

Em outra carta, datada de 6 de agosto, igualmente remetida ao pai, Araújo Pinho Júnior notificou a chegada de 200 feridos às enfermarias da Faculdade de Medicina. Contudo, mencionava agora que estava auxiliando, em curativos, o professor substituto Braz do Amaral. Isto nos permite arguir que os alunos não freqüentavam somente uma enfermaria, nem alunos e os professores tampouco. Transitavam eles por aquele grande laboratório do *ver fazer*. O estudante narrou, nesta mesma carta, que todos os seus

<sup>226</sup> BPEB – Jornal *Diário de Notícias*, 21 de agosto de 1897. p. 1.

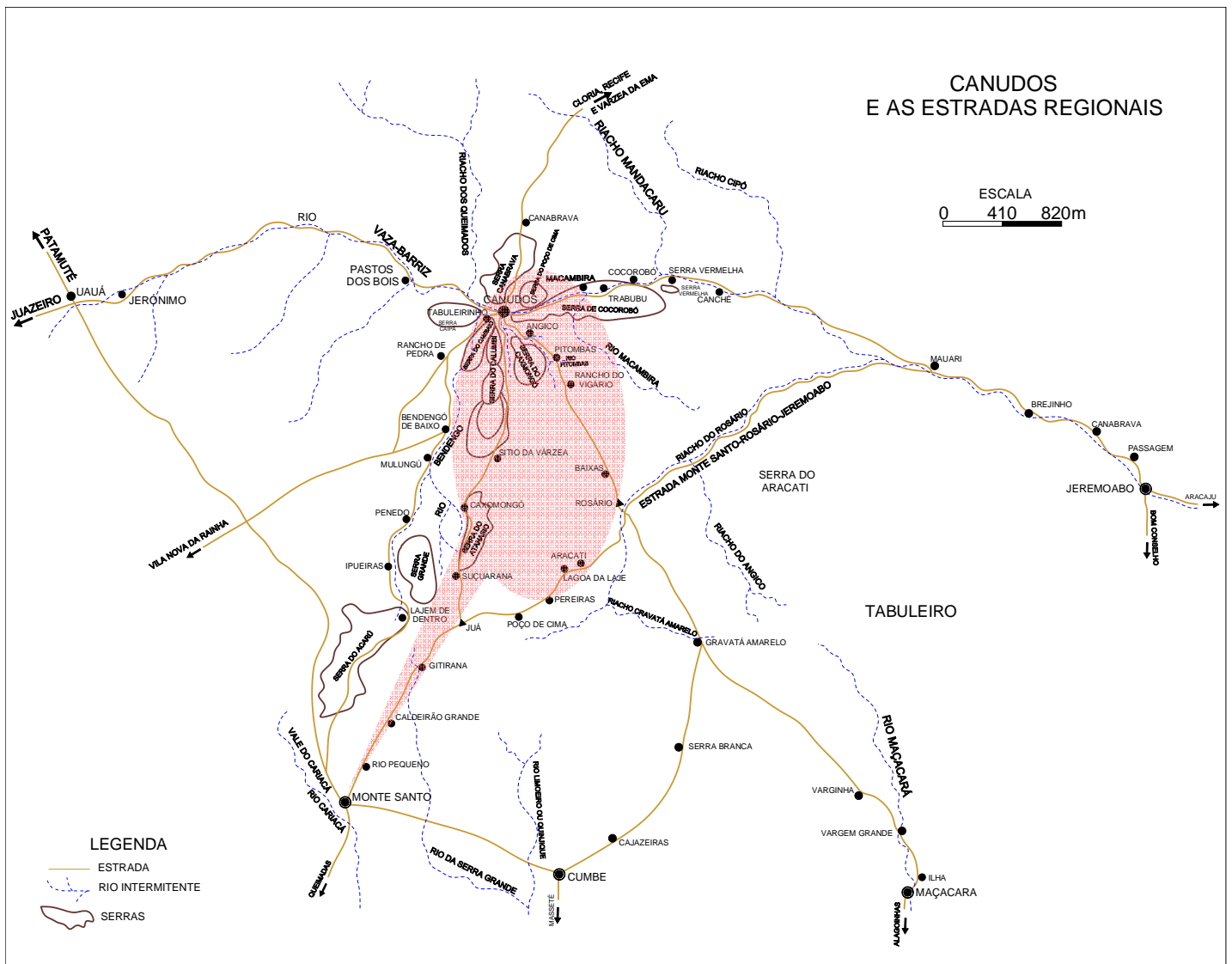
<sup>227</sup> Na menção à data o documento encontra-se mutilado.

<sup>228</sup> FPC – Centro de Memória da Bahia: acervo Araújo Pinho.

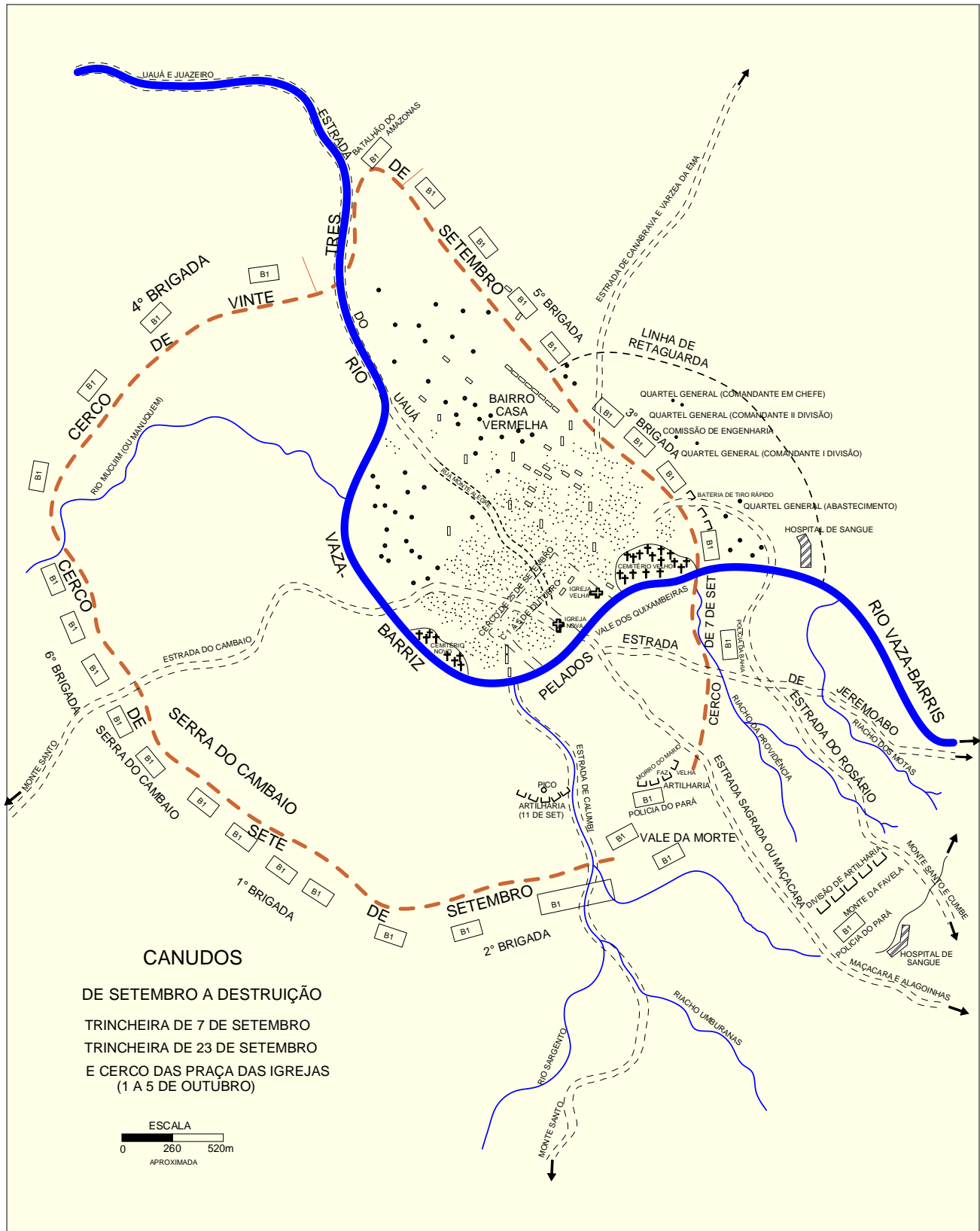
feridos, ao menos em sua enfermaria, isto é, 118 combatentes, não lhe davam notícias importantes sobre o transcorrer da guerra e queixavam-se da falta de comida. Ali, ainda no relato do jovem estudante, o Comitê Patriótico da Bahia prestara os mais relevantes serviços aos convalescentes no que dizia respeito à reposição de alimentos e material para curativo. Tudo isso em virtude da apatia do governo que, para o aluno, *não fez coisa alguma*.

### 3.2. A permanência nos Hospitais de Sangue

**Mapa 1**  
**ESPAÇO DE DESLOCAMENTO DOS ACADÊMICOS**

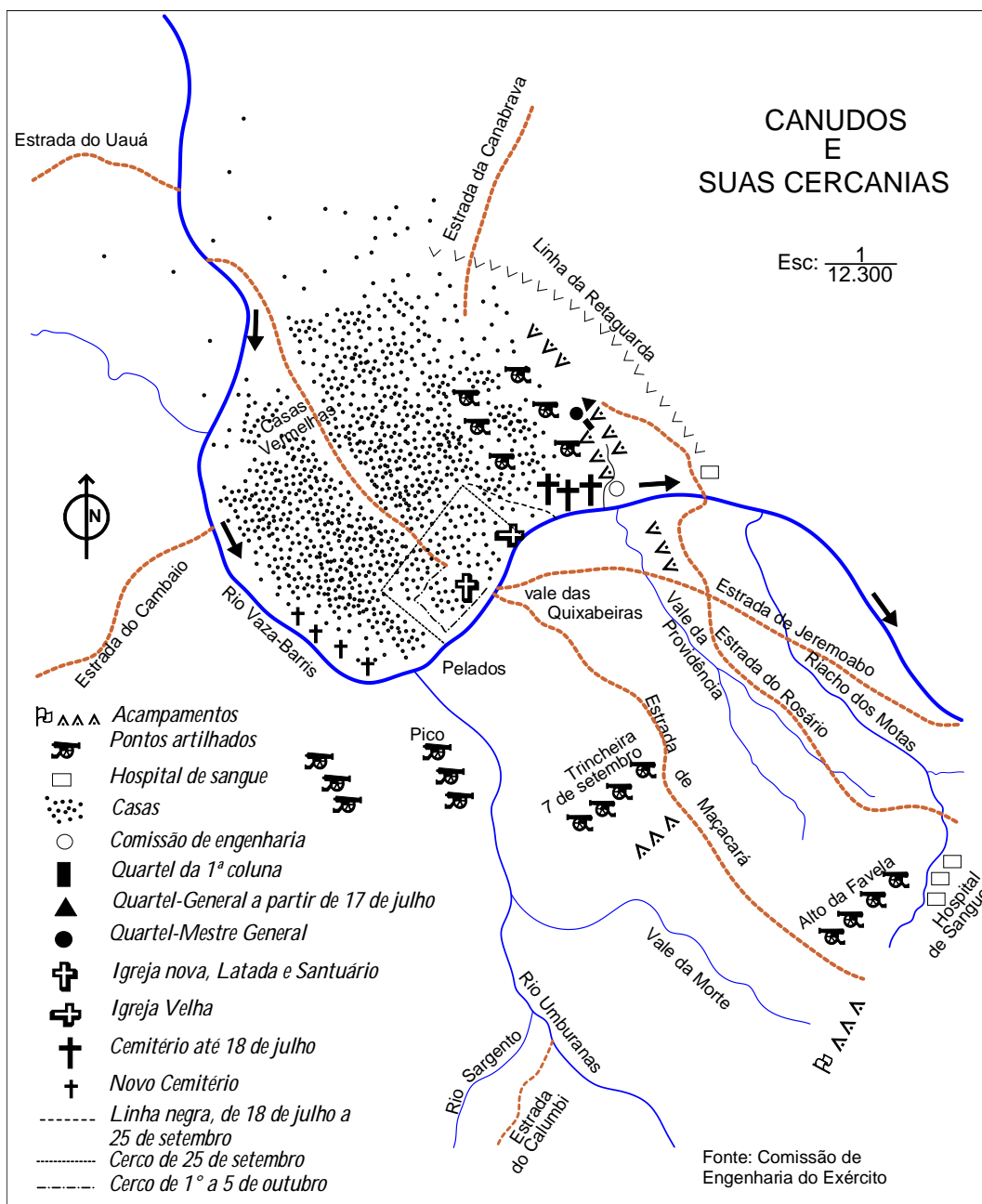


FONTE: SAMPAIO Neto, José Augusto Vaz; SERRÃO, Magaly de Barros Maia; MELLO, Maria Lucia Horta Ludolf e URURAHY, Vanda Maria Bravo. (1986). Op. cit. p. 536. Mapa adaptado.



**Mapa 2** - FONTE: SAMPAIO Neto, José Augusto Vaz; SERRÃO, Magaly de Barros Maia; MELLO, Maria Lucia Horta Ludolf e URURAHY, Vanda Maria Bravo. (1986). Op. cit. p. Mapa adaptado.

### Mapa 3 HOSPITAIS DE SANGUE EM CANUDOS



FONTE: SAMPAIO Neto, José Augusto Vaz; SERRÃO, Magaly de Barros Maia; MELLO, Maria Lucia Horta Ludolf e URURAHY, Vanda Maria Bravo. (1986). Op. cit. p. . Mapa adaptado.

Salvador, Alagoinhas, Serrinha e Queimadas. Esse fora o itinerário dos expedicionários da Faculdade do Terreiro de Jesus que embarcaram na Estação da Calçada. Entre os cerca de 200 km que separam Queimadas e Canudos, os alunos

tinham duas opções: marcharem a pé ou a cavalo, cujos arreios eram oferecidos pelo governo do estado. Alguns ficaram fixos em determinadas enfermarias, mas outros, com autorização dos médicos do Exército, se deslocaram entre elas, repondo, quando havia, material apropriado para o procedimento médico ou gêneros alimentícios.

Ao chegarem ao hospital de sangue em Queimadas as condições sanitárias apresentavam-se desoladoras. Em passagem por este hospital em 04 de agosto, o capitão Fávila Nunes, na condição de correspondente da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, enviara matéria ao jornal denunciando a existência feridos dentro de uma vala, ferimentos em estado de putrefação por falta de recursos médicos e o parco número de ambulâncias.<sup>229</sup>

### Imagem 3

#### CORPO MÉDICO EM MONTE SANTO



---

**FONTE:** ALMEIDA, Cícero Antonio F. de. *Canudos: imagens da guerra*. RJ: Museu da República/Lacerda Editores, 1997. p. 104 e 105.

Na Campanha do Paraguai, as malas ou caixas de socorro de urgência, denominadas ambulâncias, levavam material de curativo e cirurgia, igualmente

---

<sup>229</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). (1994). Op. cit. p. 152.



padronizados pelos Serviços de Saúde do Exército e Armada. Todavia, como abordamos no capítulo anterior, em alguns casos, ao invés de haver o material direcionado à cirurgia em guerra, algumas ambulâncias foram supridas com “poções mágicas” contra quebranto, espinhela caída e mau-olhado, isto é, mais uma prova de que “as medicinas” coabitavam o mesmo espaço e a divisão entre elas, se acadêmica ou não, não coube a quem supriu as ambulâncias do Exército.

A distribuição espacial dos hospitais de sangue entre Queimadas, Monte Santo e Canudos, a nosso ver, respeitou a rotina utilizada pelos militares na guerra fronteiriça da Tríplice Aliança. De acordo com o estudo de Roberto da Motta Teixeira, no *front* de guerra do Prata haviam três esquemas: primeiro, atendimento imediato no próprio local de combate; segundo, complemento do atendimento de urgência, efetuado na retaguarda pouco atrás da linha de fogo; e, terceiro, atendimento hospitalar e tratamento a longo prazo distante do palco das operações militares, todas interligadas com o objetivo de facilitar a evacuação de feridos e doentes. As cirurgias de maior extensão e os combatentes que necessitavam de recuperação prolongada, ou seja, inabilitados a continuar na linha de fogo, eram transferidos aos hospitais que apresentavam maiores recursos, muitas vezes localizados nas capitais.<sup>230</sup>

Nesta cadeia hospitalar transposta à Canudos, os estudantes permaneceram durante os meses de julho, agosto, setembro e outubro de 1897. Na condição de militares improvisados, cada aluno recebia, para defesa pessoal, um revólver [nagan ou smith&wesson]; estavam subordinados a um médico-militar, chefe de sua respectiva enfermaria; e, como regra para todos, não estavam autorizados a emitir atestados de qualquer espécie.

O convívio entre os acadêmicos e os médicos do Exército republicano oscilava entre relações ora amigáveis ou, em alguns momentos, não tão acolhedoras. Quando da chegada da primeira turma à vila de Queimadas, os alunos foram recebidos pelo major Nemésio de Sá da seguinte maneira: “pois bem, isto aqui é Queimadas; os Srs. procurem seus commodos; eu não tenho nenhum nem posso dar nada!!!”<sup>231</sup> Por outro lado, no mesmo vilarejo, a segunda turma de acadêmicos recebera destacada atenção do alferes José Luiz Sodré Pereira, oferecendo adequada moradia ao grupo expedicionário.

---

<sup>230</sup> TEIXEIRA, Roberto C. da Motta. *Aspectos históricos da medicina militar na Guerra da Tríplice Aliança*. Problemas de medicina militar. Rio de Janeiro: Revista da Academia Brasileira de Medicina Militar, 1967-1968. 2v. p. 638.

<sup>231</sup> HORCADES, Alvim Martins. (1996). Op. cit. 12.

Já em Monte Santo, Francisco Xavier de Oliveira, um dos alunos que fora atendido pelo major Martiniano Ferreira, apontara em sua narrativa que, tanto ele quanto seus colegas, tiveram acentuada atenção quando chegaram ao hospital, as guias que os acompanhavam foram revisadas e de imediato foram apresentados ao chefe do serviço sanitário da unidade, o médico Francisco de Paula Alvelos.

Segundo o quartanista Francisco Xavier de Oliveira, o tenente-coronel Alvelos não os acolhera com boa cara nem boas palavras e sua primeira atitude foi comunicar aos alunos que só assinaria a guia de cada um após reunião a qual todos ali seriam previamente avisados. Ali naquele hospital seus colegas e alunos da primeira turma: Adolfo Vianna, Agostinho de Araújo Jorge, Aristarco Dantas, Teófilo de Holanda Cavalcanti, Miguel de Lima Mandes, Sebastião Ivo Soares e Benício Rodrigues Chaves, todos, estavam sem orientação por não haver médicos para que eles servissem de auxiliares.

Neste mesmo momento, relatou Francisco Xavier que os médicos militares nada faziam para tratar doentes e feridos porque não havia recursos suficientes disponíveis. O ambiente também caminhava tenso devido ao convívio com o Chefe do Serviço Sanitário e os acadêmicos ali presentes. De posse da guia de cada aluno, o dr. Paula Alvelos deliberou que não devolveria a carta que registrava a “contratação” dos alunos por haverem eles se negado a se submeter ao exame de arguição organizado pelo médico-militar nas imediações do hospital, isto é, uma prova de conhecimentos médicos em plena guerra. Ante o fato, o estudante Domingos Martins Pereira Monteiro, insatisfeito com o destrato do médico, retornou a Queimadas e solicitou seu desligamento do hospital que servia.<sup>232</sup>

Analisando o fragmento acima podemos destacar alguns detalhes. Primeiro, o fato dos professores da FMB terem se recusado em atravessar o estado e trabalhar na Campanha, pode explicitar uma provável hierarquia profissional entre médicos civis e militares o que, por conseguinte, causaria alguns conflitos em plena enfermaria. Segundo, a inoperância de alguns médicos, condenou sete alunos ao mesmo caminho da inércia. Mais, os sete alunos ali citados, chegaram ao hospital de Monte Santo no dia 30 de julho, e a passagem da segunda turma ali data de 14 de agosto, isto é, os 15 dias

---

<sup>232</sup> OLIVEIRA, Francisco Xavier. (1943). Op. cit. p. 157 a 159. Extraímos o conteúdo da guia que acompanhavam os estudantes do *Diário de Notícias* – 21/08/1897: *Secretaria de Polícia e Segurança do Estado da Bahia – O cidadão ..... é estudante ..... Série Médica, e vae servir nos hospitaes de sangue da expedição militar sob o commando do sr. general Arthur Oscar de Andrade Guimarães. – O director da secretaria: João Pedro dos Santos.*

‘parados’ que motivaram alguns dos alunos à abandonar o compromisso assumido pela FMB.

Domingos Martins Pereira Monteiro não esteve sozinho na dispensa do trabalho porque em *Pedido ao público e especialmente à Faculdade de Medicina da Bahia*, matéria do *Diário de Notícias* em 21 de agosto de 1897, os acadêmicos do 6º ano Eduardo Britto, Virgílio do Rego Motta, Tranquilino Torgalino de Oliveira e o da 4ª série médica, Jerônimo Fernandes Gesteria, assinaram o conteúdo do jornal explicando detalhadamente os motivos que os levaram ao pedido de demissão.

Segundo o conteúdo do *Pedido* destacado, dois agravantes contribuíram para o afastamento do palco da luta: primeiro, quando da passagem dos alunos supracitados ao hospital de sangue de Queimadas em direção ao de Monte Santo, a montaria tão custosamente conquistada foram-lhes súbita e inexplicavelmente tiradas por ordem militar. De acordo com o documento: “devido a este acontecimento imprevisto que nos encheu de indignação e surpresa vimo-nos obrigados a lançar mão de nossos meios de busca e só ao [*documento mutilado*] de bastantes dias conseguimos [*documento mutilado*] animaes que rápidos nos levaram a Monte Santo.”<sup>233</sup> [*grifo nosso*]

O segundo agravante e, ao que parece, definidor da atitude dos alunos, centrou-se no encontro dos jovens estudantes com o já mencionado médico-militar, dr. Francisco de Paula Alvelos, chefe do hospital de sangue de Monte Santo. Ali no hospital, logo quando da chegada da 2ª turma expedicionária, foram os estudantes providenciar a alimentação que os cabia, mas foram interrompidos pelo dr. Paula Alvelos. Na narrativa dos alunos: “tivemos mais uma vez que pasmar diante da declaração de que esta só nos poderia ser fornecida [*a comida*], sob a única e exclusiva responsabilidade porquanto nenhuma ordem official recebera neste sentido.”<sup>234</sup> [*grifo nosso*]

O caso tomara maior proporção. Em matéria intitulada ***Reunião Acadêmica***, o jornal soteropolitano *Diário de Notícias* publicara, em 25 de agosto, que os alunos do 6º ano Domingos Martins Pereira Monteiro, Eduardo Britto, Virgílio do Rego Motta, Tranquilino Oliviera e o quartanista Jerônimo Fernandes Gesteria, formaram uma comissão – subsidiada pelos secretários Theogenes Beltrão, Álvaro Guimarães e José Basílio – afim de que os demais colegas acadêmicos tomassem conhecimento dos atos do dr. Paula Alvelos. Mais um detalhe, a partir daquela comissão os alunos aprovaram a

---

<sup>233</sup> BPEB – Jornal *Diário de Notícias* de 21 de agosto de 1897. p. 1.

<sup>234</sup> Idem. p.1.

proposta de nomear um outro grupo da FMB para conferenciar diretamente com o governador Luiz Viana para que, ante a situação de destrato sofrida pelos alunos, alguma medida fosse tomada.

O convívio conflituoso entre médicos do exército e estudantes de medicina continuou. Outro jornal, desta vez o *Cidade do Salvador*, em notícia de 10 de setembro, publicara que os alunos se organizaram ao redor de uma outra comissão, para tomar providências sobre os maus-tratos que recebiam os colegas quando da chegada aos hospitais de sangue montados na zona de operações. Mais, segundo a matéria do *Cidade do Salvador*, os alunos da FMB enviaram telegramas aos colegas da Faculdade de Medicina da capital federal, ao ministro da guerra e a deputados federais pedindo a intervenção no assunto. E segue o jornal: “Se considerarmos a generosidade e desinteresse com que se ofereceram a mocidade acadêmica para prestar os reais serviços que vai prestando no campo das operações, nada mais condenável do que o proceder de tais médicos militares.”<sup>235</sup>

Contudo, longe de generalizar, tanto os alunos da segunda turma enviada em 03 de agosto quanto Alvim Martins Horcades, da primeira turma de 27 de julho, narram em suas linhas o trabalho louvável desenvolvido por alguns médicos – por exemplo o caso do capitão dr. Everaldino Cícero de Miranda – e da acolhida educada do major médico Nemésio de Sá para com outros estudantes. O dr. Everaldino Cícero, ainda nas palavras do calouro Horcades, fora um dos poucos abnegados profissionais que não abandonara os feridos e retornara à capital.<sup>236</sup>

Estudando as fotografias de Flávio de Barros, Cícero Almeida, dentre outros comentários, destaca que a fotografia do corpo sanitário abaixo, projeta o lado humanitário do Exército, dando atenção médica não somente aos soldados e oficiais feridos, mas estendendo o tratamento também à conselheiristas que caíam no *front*. Da capital baiana, Rio de Janeiro, São Paulo e de outros estados chegavam notícias das atrocidades cometidas pelas forças militares em Campanha, a imagem abaixo poderia assim, minorar a capa assassina que as forças republicanas carregaram após a degola.

---

<sup>235</sup> BPEB – Jornal *Cidade do Salvador* de 10 de setembro de 1897.

<sup>236</sup> HORCADES, Alvim Martins. (1899). Op. cit. p. 18.

#### Imagem 4

### PRESENÇA DO CORPO SANITÁRIO DO EXÉRCITO EM CANUDOS



FONTE: ALMEIDA, Cícero Antonio F. de. *Canudos: imagens da guerra*. Rio de Janeiro: Museu da República/Lacerda Editores, 1997. p. 108 e 109.

Voltemos à saga dos combatentes da Faculdade baiana de medicina. Passando por toda espécie de agrura peculiar a uma atmosfera de guerra, afora o desconforto causado pelo descaso de alguns médicos do Exército para com os estudantes de medicina e farmácia; precária alimentação, sede, doenças, falta de material para o trabalho foram alguns dos percalços da caminhada.

“Dentro daquele pântano cor de barro jaziam dois cadáveres de soldados em decomposição.

Um na margem a que tínhamos chegado, com o corpo mergulhado e as pernas calçadas de coturnos do lado de fora. Na margem oposta outro em sentido contrário, submerso somente do ventre para baixo. (...)

O fétido era insuportável. Os bagageiros encheram os nossos cantis com essa lavagem de carniça.

Sem outro recurso, essa água foi bebida, porque a sede só pode ser avaliada por quem já teve a infelicidade de sofrê-la algum dia.”<sup>237</sup>

<sup>237</sup> OLIVEIRA, Francisco Xavier. (1943). Op. cit. p. 162. Lagoa encontrada na região de Baixinha.

No que toca especificamente às doenças que acometeram os alunos expedicionários, a morte do acadêmico Joaquim Afonso Pedreira na vila de Monte Santo, em fins de agosto, ganhou espaço em livros e jornais da época. Alvim Martins Horcades, que já havia socorrido o colega estudante de farmácia Akilles de Farias Lisboa em Monte Santo, doente de varíola, fora o que dera os últimos socorros à Joaquim Pedreira, atacado de malária. Acompanhando a narrativa de Horcades,

“Notei que a sua physionomia apresentava um aspecto de moribundo e, não podendo ele se alimentar, nem mesmo soffrivelmente, mais crescia sua debilidade; além disso não queria absolutamente ingerir medicamento de espécie alguma, pelo que dei-lhe um frasco de pérolas de quinino de Clertan [*espécie de anestésico*], cognac, ovos que comprei em caminho e mais algumas cousinhas insdispensaveis ao doente,...”<sup>238</sup> [*grifo nosso*].

Em matéria de 13 de setembro, escrita no hospital de sangue em Monte Santo e publicada no periódico carioca *A Notícia*, o correspondente Alfredo Silva apontou, outrossim, o falecimento do jovem acadêmico, então com 19 anos. Conforme a notícia do emissário, Joaquim Pedreira era filho do comandante do Regimento policial da Bahia, Afonso Pedreira, o qual também se encontrava no *front* ao lado do filho. O aluno, medicado pelo major José Marques dos Reis e pelo capitão Martins Chagas, foi um dos primeiros a se oferecer à partir em direção ao sertão.<sup>239</sup> Talvez ali, por ser um acadêmico inexperiente, pudesse o jovem aluno exercer seu tirocínio, mas sucumbiu à doença.

Alguns alunos da primeira turma chegaram a Canudos em 06 de agosto e os outros da segunda, dia 23 deste mesmo mês. Setembro e outubro, como delineado no capítulo anterior, desenrolaram-se o massacre à população do Belo Monte. Quando da marcha de retirada, os alunos acompanharam, da mesma forma que foram, os militares ali presentes. Desembarcaram na capital da Bahia no dia 25 de outubro. Ali obtiveram as honrarias dos heróis em Campanha, almoços, atos solenes de toda ordem e um aviso: as provas de final de curso se realizariam no dia 15 de novembro.

Não encontramos qualquer documento no decurso de nossas leituras sobre a reação dos alunos perante o comportamento do diretor da Faculdade em normalizar o ano letivo, independente do acontecimento da guerra. Aliás, atitude esta lavrada em ata da Congregação. Aplicar provas aos expedicionários que há três meses haviam

---

<sup>238</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. (1994). Op. cit. p. 432.

<sup>239</sup> HORCADES, Alvim Martins. (1996). Op. cit. 42. Em nota o autor comenta que: Joaquim Pedreira foi um dos primeiros acadêmicos que se ofereceram ao governo, a fim de seguir para Canudos. Antes mesmo de resolvermos seguir para lá ele já tinha se oferecido ao Governo do Estado para seguir até como enfermeiro por estar ainda no 1º ano do curso medico.

convivido com as atrocidades da guerra? Foram os alunos enviados à zona de combate dispensados de prestar os exames?

Ao que consta no Livro de Atas da Congregação em 28 de julho, os alunos seriam dispensados das aulas de laboratório, da cadeira de obstetrícia ou qualquer outra em que fosse exigido o atestado de frequência, mas seriam submetidos aos exames nas épocas regulares. O quadro abaixo, extraído da *Relação dos estudantes que devem fazer exame das diversas séries dos cursos desta faculdade em novembro de 1897*<sup>240</sup>, percebemos que alguns dos agora ex-combatentes da Faculdade obtiveram – no montante geral, excetuando os alunos da 6ª série e o caso de reprovação – média moderada em seus exames de final de ano. As notas avaliativas dividiam-se entre P = plenamente, D = distinção, R = reprovado, S = sofrível, B = boa e M = má. Passemos então ao quadro:

---

<sup>240</sup> AFMB – Caixa Ano 1897: novembro. Transcrevemos, parcialmente, somente alguns dos alunos que encontramos no espaço entre Queimadas e Canudos. Não completamos a transcrição e leitura completa do material devido à reforma pela qual passa o setor de pesquisa do AFMB. Algumas partes do documento, pelo menos em nossa leitura, estão ilegíveis. Os conceitos destacados abaixo em azul constam no documento na mesma tonalidade.

**Quadro – 7**  
**DESEMPENHO ACADÊMICO**

NOME DO ALUNO	1ª SÉRIE MÉDICA			
	PHYSICA	CHIMICA	Botânica e Zoologia	
José Cordeiro dos Santos Filho	S	S	B	
Cícero de Barros Corrêa	S	S	B	
Hebreliano Mauricio Wanderley	S	S	S	
Alvim Martins Horcades	S	S	S	
	2ª SÉRIE MÉDICA			
	CHIMICA	ANATOMIA	HISTOLOGIA	
Aristarco Dantas	B P	B P	B P	
	3ª SÉRIE MÉDICA			
	PATHOLOGIA GERAL	PHYSICA	ANATOMIA	
Sebastião Ivo Soares	S	S	S	
Fausto de Araújo Gallo	R	R R	S R	
Francisco Cavalcanti Mangabeira	S	S	S	
Joaquim José Xavier	S	S	S	
	4ª SÉRIE MÉDICA			
	PHARMACOLOGIA	Pathologia Médica	Pathol. Cirúrgica	
Caio Octavio Ferreira de Moura	0	P	P	
Miguel de Lima Mendes	B P	P	P	
Jerônimo Fernandes Gesteria	P	P	P	
Theotonio Martins de Almeida	0	P	P	
	5ª SÉRIE MÉDICA			
	OPERAÇ.	Anatomia Cirúrgica	Terapêutica	
Victor Francisco Gonçalves	S	S	S	
Virgílio de Aquino Braga	S	S	S	
Pedro de Barros Albernaz	S	S	S	
	6ª SÉRIE MÉDICA			
	Medicina Legal	Hygiene	M	OB
Domingos M. P. Monteiro	P	P	P	P
Virgílio do Rego Motta	P	B P	P	P
Christiano Sellmann Jr.	P	B P	D	D
Eduardo Britto	S	B S	D	D
Tranquilino Hugo de Carvalho	P	B P	P	P
Benício Rodrigues Chaves	P	B P	P	P
Antonio Nicanor Martins Barbosa	S	B P	P	P

FONTE: AFMB – Caixa Ano 1897: Código 01.07.0574. Maço Documentação referente à Guerra de Canudos.



Alguns destes ‘soldados’ da FMB que prestaram seus exames seriam obrigados defender tese de conclusão de curso para entrar na vida pública e, conseqüentemente, atuar na profissão de médico, regra introduzida quando da reforma do ensino médico em 3 de outubro de 1832. Entre os 33 alunos que catalogamos, 7 apresentaram suas teses à banca arguidora daquela instituição científica no ano findo da guerra em Canudos. Suas defesas se estenderam pelos anos de 1898 (4 alunos defenderam), 1899 (7), 1900 (10) 1902 (4) e 1909 (1). À exceção dos sessenta e dois ‘ex-combatentes’ que foram prestar seus serviços na guerra travada no interior do estado, muitos permaneceram em Salvador trabalhando nas enfermarias provisórias montadas para atender os feridos provenientes da frente de batalha e, ao mesmo tempo, esses estudantes, igualmente, sustentaram suas teses de doutoramento.

Ainda neste ambiente de formatura, os vinte e seis alunos doutorandos de medicina do ano de 1897, solicitaram que o ato de colação de grau, dia 10 de dezembro, fosse efetuado sem solenidade em virtude do falecimento de um colega. Apesar do documento não mencionar, talvez o ato de solidariedade direcionou-se aos alunos Francisco dos Santos Pereira, Antonio Eustáquio da Silva ou Joaquim Pedreira, todos eles faleceram “em combate”.<sup>241</sup>

### 3.3. Às *theses de doutoramento*

Consta na primeira página de cada tese que analisamos a seguinte frase: *a Faculdade não aprova nem reprova as opiniões emitidas nas theses que lhes são apresentadas*. Assim, podemos rapidamente concluir que a liberdade era palavra de ordem no espírito daquela instituição. Qualquer opinião poderia ser *emitida* sobre as disciplinas ministradas pelos professores, qualquer detalhe acerca dos acontecimentos políticos da ocasião, poderia, igualmente, as teses levar em consideração as transformações no âmbito científico que provinham de outros continentes ou ali, naquelas páginas, edificar ainda mais uma medicina genuinamente brasileira. Aliás, os objetivos das teses eram: primeiro, criar uma literatura médica brasileira; e, segundo, em alguns casos, permitir aos estudantes expor seus conhecimentos no que dizia respeito as disciplinas ministradas pelos professores da Faculdade.

---

<sup>241</sup> Relatório do Ministério da Justiça e Negócios Interiores – 1897 e 1898. p. 323. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1884/000327.html> Acesso: 20/11/2008.

No entanto, analisando as idéias filosóficas nas teses inaugurais na Faculdade (1838-1889), Dinorah D’Araújo Berbert de Castro, notara que o conteúdo dos trabalhos dos alunos, era antes indicado pelos membros da Congregação, cabendo ao futuro médico, escolher algum dentre os oferecidos. Na confecção das teses, entre dedicatórias à parentes, amigos, professores, citações em latim ou grego, a mesma autora percebera que, quando concluída a tese, “o acadêmico a entregava ao secretário da Faculdade, que encaminhava à comissão revisora conforme os dispositivos estatutários, sendo, por fim, autorizada a sua impressão pelo diretor ou vice-diretor.”<sup>242</sup>

Um outro elemento comentado pela autora, refere-se ao apreço dado pelos alunos à construção das teses. Para alguns, o trabalho era a ferramenta de crítica perante às precariedades do ensino, mas, para outros, aquelas páginas não serviriam para mais que um cumprimento da legislação da Faculdade. Em determinados momentos de sua pesquisa, Dinorah de Castro observa que o número de páginas no que dizia respeito às dedicatórias, superava as da própria tese. Neste caso específico a autora lançou mão do trabalho do doutorando Gustavo Adolfo de Sá, defendido em 1858, no qual o estudante comentou que: “julguem como quiserem; até porque quase ninguém lê these à menos que os oferecimentos.”<sup>243</sup>

Da leitura das Memórias Históricas produzidas a partir da segunda metade do século XIX até as suas primeiras décadas do XX, Marcos Augusto Pessoa Ribeiro extraíra mais características ao redor do processo de elaboração das teses de doutoramento. Para este autor, o caráter supérfluo das teses, percebido nas posições dos alunos quanto ao trabalho ali empregado, ocorrera devido a reforma nos Estatutos da FMB em 28 de abril de 1854. Entre 1832 e 1854, as teses eram sustentadas em público, sobretudo com a presença da comunidade acadêmica, constituindo-se ali em espaço prestigioso da erudição.

A partir do decreto n. 1387 de 28 de abril de 1854, os novos estatutos direcionados às escolas de medicina não mais mencionavam em seus artigos a apresentação pública no momento da defesa da tese de doutoramento. Entre seus artigos 119 e 127 da Coleção das Leis do Império do Brasil, especificamente o Capítulo VI intitulado *Da defesa das theses*, nada mais constava sobre a explanação pública dos jovens arguentes à banca examinadora. O artigo 124 ainda determinava que em caso de

---

<sup>242</sup> CASTRO, Dinorah D’Araújo Berbert de. *Idéias filosóficas nas teses inaugurais da Faculdade de Medicina da Bahia (1838-1889)*. Bahia: UFBA – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. (Mestrado em Ciências Sociais). 1973. p. 26.

<sup>243</sup> Idem. p. 12.

*aprovação simples*, o estudante não estava impedido de colar o grau de doutor, o que pode, a nosso ver, servir de elemento adicional ao descaso ante a confecção das teses.<sup>244</sup> Mais um detalhe, se havia naquele intervalo de tempo (1832 – 1854) uma simbologia acerca das *coisas do saber* ante os olhos dos *ignorantes*, após aquela data tudo passara à mera formalidade.

Professores e memorialistas, em alguns momentos daquela segunda metade do Oitocentos, sugeriram até a supressão das teses. Marcos Ribeiro conclui sua análise levando em consideração que praticamente todos os memorialistas compactuavam da opinião que a falta de experiência médica do aluno atingia diretamente a estruturação do trabalho de doutoramento. Ao mesmo tempo, havia ali além do desinteresse dos alunos, plágios, encomenda de teses, ausência de professores no momento da defesa, trabalhos mal escritos e carentes de metodologia. Para minorar esses elementos e motivar os estudantes à uma ponta de interesse na elaboração do trabalho de conclusão, a Faculdade instituiu os graus de *Plenamente* ou *Distinção* de acordo com as feições excepcionais de alguns doutorandos, o que não surtiu o efeito esperado. Em Memória História de 1900, o professor Alfredo Brito comentou que “a grande maioria das teses apenas desobriga os doutorandos de uma enfadonha exigência legal, necessária à obtenção do diploma de médico.”<sup>245</sup>

Neste ambiente enfadonho e burocrático de construção da tese, poderiam as dissertações conter menções, experiências pessoais ou, até mesmo, comentários sobre a guerra de Canudos? Ali seria o espaço de apresentar questões políticas sobre a campanha travada no interior do estado? Expressar a guerra nos seus detalhes por cada acadêmico ex-combatente? Denunciar as atrocidades cometidas pelo Exército da república?

Dois anos depois do confronto, Alvim Martins Horcades, testemunha ocular da guerra, contemporizou o discurso do heroísmo militar, da *civilização* e do êxito da *sciencia* contra àquela *barbárie mestiça*. Para o autor, agora estudante da terceira série da Faculdade, nas civilizações de antanho, em tempos de guerra, os bens dos inimigos eram confiscados, mas, contemporaneamente, “quando a *sciencia* progrediu e a civilização não é mais incógnita, numa das partes do mundo que diz ser civilizada não

---

<sup>244</sup> Coleção das Leis do Império (1808 – 1889) - *Índice da Coleção das Leis (Parte II - 1854)*. p. 217 e 218. Disponível em:

<http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/conteudo/colecoes/Legislacao/1854%20pronto/leis%201854/dcc%20n%201387%20a%201387-pg12-p25.pdf> – Acesso em 20/11/2008.

<sup>245</sup> RIBEIRO, Marcos Augusto Pessoa. (1997). Op. cit. p. 60.

mais confisca-se, assassina-se, mata-se, como se dessa forma extinguisse completamente e mania de revoluções! Bello exemplo de civismo e progredimento social.”<sup>246</sup>

Na Enfermaria *Friedrich August Kekulé*, localizada no Mosteiro de São Bento, trabalhara o acadêmico do primeiro ano do curso de medicina Alfredo de Barros Loureiro Brandão, alagoano e filho de Theotônio Torquato Brandão. Fora aprovado em 1902 com distinção ao sustentar a tese intitulada *Tabagismo*. Ali nas páginas em que nada comentara sobre suas atividades na enfermaria por onde passara como auxiliar, o autor alagoano, que se formara no mesmo ano de Alvim Horcades, na parte introdutória do texto, relatara o motivo pelo qual abordara o referido tema e igualmente mostrava-se desesperançado com a suposta supremacia da *sciencia*. Para ele, a descoberta da máquina a vapor, do telegrafo elétrico, do telescópio e do microscópio, não representavam o ápice de uma humanidade civilizada. Esta mesma *humanidade*, nas palavras do jovem candidato, era ao mesmo tempo bárbara porque alimentava a guerra e a dominação de uma nação sobre as outras; esta *humanidade* produzia os ladrões, devassos e assassinos do mundo.<sup>247</sup> Se havia, ao menos a partir de seus professores e no discurso corrente da época, consenso sobre para onde deveria caminhar as civilizações, não estava ali nas palavras daquele aluno a mesma idéia.

O estudante paraibano Benício Rodrigues Chaves, filho de D. Mariana Pinheiro Chaves e [major] Augusto Rodrigues Chaves, formara-se em 1897, ano findo da guerra sertaneja. A defesa de sua tese com o título *Bacia obliqua ovalar, seus principais caracteres* obtivera aprovação plena perante a Banca da Faculdade. Benício Chaves fora aluno da primeira leva de acadêmicos que trabalhara nos hospitais de sangue em Queimadas e Monte Santo, e na introdução de sua tese, isto é, “antes do assumpto”, o autor menciona que não teve mais algum interesse com àquele trabalho de doutoramento a não ser cumprir uma exigência da lei. Logo em seguida, alegou o futuro médico, que não estava preparado a desenvolver uma boa apreciação quanto ao tema escolhido em razão do curto espaço de tempo que teve para se dedicar aos estudos concernentes ao objeto ali em análise, tempo este cheio de *embaraços e dificuldades*. E segue o autor na introdução de sua redação:

---

<sup>246</sup> HORCADES, Alvim Martins. (1899). Op. cit. p. 103 e 104.

<sup>247</sup> BRANDÃO, Alfredo de Barros Loureiro. Ano: 1902. In: AFMB – THESES. Código da tese: 102 – E e 102 – J. Dividimos a leitura das teses entre os que foram à Canudos e os que trabalharam nas enfermarias em Salvador. Para mais detalhes, consultar material anexo.

“Obrigado a ausentar-nos durante três mezes dos trabalhos escolares para prestar serviços, que nós, como um dever de civismo e caridade, offerecemos ao governo junto as forças em operações na campanha de Canudos, foi o nosso trabalho interrompido por toda essa época de lucta cruenta e insana.

D’este modo concluída a nossa missão, tempo insufficiente restava para que podessemos completar com regularidade a nossa dissertação, que por esta razão não tem, nós o reconhecemos, a perfeição e desenvolvimento necessário.”<sup>248</sup>

Aí consta o único fragmento do autor sobre a guerra no decurso de toda sua redação. No transcorrer da tese, Benício Chaves iniciou as discussões teóricas sobre seu objeto de pesquisa e, em seguida, abordou trabalhos de outros autores que se dedicaram a estudar o mesmo tema, destacando ali os progressos científicos que rodeavam o assunto proposto para sua defesa. Nada mencionara o médico paraibano em relação a quem o obrigou a oferecer seus serviços ao governo, nada comentara sobre os conflitos com os médicos militares que permaneceram na zona de confronto. Menos ainda relatara sobre suas observações e práticas como auxiliar dos médicos militares, nos hospitais de sangue, nada consta em sua tese de conclusão de curso.

A partir da narrativa introdutória de Benício Rodrigues Chaves, ao menos em nossa reflexão, o jovem médico imbuíu-se da prática cívica de missionário da caridade e, por conseguinte, seria ele um dos responsáveis pela manutenção da ordem republicana. Sua posição não destoa dos ideais professados por parte significativa da intelectualidade republicana a qual seus professores a integravam. Como destacado em capítulo anterior, o arraial de Canudos era considerado aos olhos dos intelectuais como uma *horda de bárbaros* a ser liquidada, um povo afastado da *civilização* e mergulhado no *fanatismo religioso*.

Dentro deste universo da participação da FMB na guerra de Canudos, é aqui cabível apresentar que, em alguns casos já abordados, alunos distantes da linha de fogo, mas que trabalharam nas enfermarias instaladas na capital, igualmente fizeram comentários em suas dissertações ao redor do conflito travado no sertão baiano. Foi o caso do estudante alagoano Adriano Augusto de Araújo Jorge Filho que defendeu em 1900 a tese *Alcoolismo e involução humana – repressão e prophylaxia do alcoolismo*.<sup>249</sup>

Adriano Jorge Filho em seu trabalho comenta que não se põe como os que se afastam da obrigação de escrever a tese, não se comporta com rebeldia, como alguns alunos, perante a imposição dos estatutos da Faculdade. Com efeito, o médico alagoano

---

<sup>248</sup> CHAVES, Benício Rodrigues. *Bacia obliqua ovalar, seus principais caracteres*. Ano: 1897. In: AFMB – THESES. Código da tese: 097-E.

<sup>249</sup> JORGE Filho, Adriano Augusto de Araújo. *Alcoolismo e involução humana*. (1900). In: AFMB – THESES. Código da tese: 100-A.

se classifica como aqueles autores forçados à incumbência do trabalho, dentre os vaidosos e dedicados. Suas pretensões com o trabalho são duas: primeiro, na justificativa de escolher àquele título, fora para não abraçar a idéia do médico francês Charles-Victor Daremberg (1817-1872), cuja posição, segundo o autor, chegou a dizer que o que havia de menos tóxico nas bebidas alcoólicas era o álcool; e, segundo: expor naquelas linhas as conseqüências do alcoolismo na sociedade que, na opinião do doutorando, arrastava-a a total desgraça.

Contudo, nossa atenção voltou-se à parte introdutória do referido trabalho, descrito como “duas palavras”. Nas palavras introdutórias, o futuro médico, ante a banca arguidora, sustentou a idéia de que a “Hygiene, a mais brilhante de todas as conquistas da acitivade intellectual humana”, ao mesmo tempo o jovem autor ressaltou mais uma missão da medicina, era ela o único recurso capaz de promover o banimento do “sangue pobre das raças de hoje; como o mais poderoso e talvez o único reconstituente para essa aglobulia universal!”<sup>250</sup>

Seguindo as páginas iniciais do autor acima, caberia à *Hygiene* solucionar os transcendentales problemas que afetavam as sociedades naquela amargurada fase da evolução do homem aonde,

“se contrapõe encarniçadamente todos os interesses e todas as paixões; em que fermentam todos os vícios e em que a humanidade, a degenerar e a apodrecer, se debate ansiosamente no torvelino irresistível que a arrasta a degeneração; nesta fase que abre em florescências tristes, a produzir dos [Alfred Louis Charles de] Musset, os [Charles] Baudelaire, os [Paul Marie] Verlaine, os [Henry René Albert Guy de] Maupassant, os [Oscar] Wild, os [François Claudios Koenigstein] Ravachol e os Antonio Conselheiro; nesta fase que de poderia bem chamar phase de agonia humana...”<sup>251</sup> [grifo nosso]

Nesta gama de políticos, escritores franceses e irlandeses, está ali citado o personagem líder do arraial de Canudos. Antonio Conselheiro ganhou, nas páginas do doutorando, não a dimensão francesa do Iluminismo, tampouco a aura dos compêndios e livros direcionados às inovações da medicina. O espectro do arraial do Belo Monte transcendera o 1897 e marcara as páginas do doutorando com o discurso corrente da degenerescência que alguns seres humanos carregavam.

No decurso de seu trabalho com cento e dezoito páginas, isto é, um dos mais extensos, Adriano Augusto de Araújo Jorge Filho, nada mais mencionou sobre o líder de Canudos. Sua atenção, agora, no corpo de sua tese, esteve em apontar o que socialmente causava o alcoolismo e, repetidas vezes, utilizou-se da palavra

---

<sup>250</sup> JORGE Filho, Adriano Augusto de Araújo. (1900). Op. cit. p. 10.

<sup>251</sup> Idem. Introdução não paginada.

*degenerados*. O autor alagoano levou em consideração que, em alguns casos, a degenerescência é de caráter hereditário, condenando o indivíduo desde seus primeiros passos. Classificou, o aspirante a médico que, quase todos os degenerados apresentavam estigmas físico-psíquicos ou psíquicos e que poderiam estes *infelizes* ser divididos em: *idiotas, imbecis, loucos moraes, degenerados lúcidos e degenerados superiores*.<sup>252</sup>

No capítulo dois de *Alcoolismo e involução humana – repressão e prophylaxia do alcoolismo*, intitulado *Alcoolismo e Criminalidade*, o autor explicitou admiração pelos estudos de Cesare Lombroso e expôs a classificação dos criminosos de acordo com os apontamentos do criminalista italiano Enrico Ferri. Assim, segue o parágrafo na tese:

- ♦ Criminosos instintivos: é o assassino e é o ladrão. Estes criminosos se caracterizam pela insensibilidade physica e moral, pela indiferença com que praticam o crime, pela falta dos remorsos e pelas imprudências que comettem, deixando perceber claramente que são criminosos, denunciando-se com a mais surpreendente facilidade.
- ♦ Criminosos apaixonados: Fundamentalmente diversos dos criminosos instintivos, os criminosos apaixonados são aqueles que consumman o crime impellidos por um ultraje feito à sua honra, o ciúme, uma acabrunhadora desillusão em matéria de amor, sentimento que assume as proporções de uma paixão violenta.
- ♦ Criminosos de ocasião: São fracos e por isso cometem crimes de acordo com a ocasião.
- ♦ Criminosos de habito: Não apresentando caracteres psychologicos nitidamente definidos, os criminosos habituaes manifestam no começo, analogias com os criminosos de ocasião, tendo, porém, uma accentuação mais profunda da falta do senso moral. As reincidências no crime, a convivência de outros criminosos, o influxo a estes criminosos os mesmos caracteres instintivos.
- ♦ Criminosos alienados: uns commetem o delicto depois de uma lenta elaboração da idéia criminosa; outros são levados a delinqüir de modo brusco, violento, impulsivo.”<sup>253</sup>

No terceiro capítulo de sua obra, o doutorando centrou sua atenção às conseqüências sociais do alcoolismo e percebeu uma sutil ligação entre proletários, alcoolismo e degenerados e conclui que a classe operária no Brasil era vagabunda e imoral, todos ignorantes, cínicos, sem a idéia do dever cívico e muito menos os escrúpulos da dignidade humana.<sup>254</sup> No transcórre do trabalho, seu 4º capítulo, *Causas do alcoolismo*, dedica-se a explicar a ascendência do clima no desenvolvimento do alcoolismo, comentando que não há um ambiente específico para a proliferação do consumo da aguardente, para ele, a influência do clima sobre o consumo do álcool não passava de mera ilusão.

---

<sup>252</sup> Idem. p. 28 a 32.

<sup>253</sup> Op. cit. p. 37, 38 e 39.

<sup>254</sup> Op. cit. p. 54.

Araújo Jorge Filho finalizou a tese com o capítulo *Representação e Prophylaxia do Alcoolismo*, ressaltando que algumas medidas para conter o avanço tanto da produção quanto do consumo fracassaram: multas, redução do número de tavernas, tributação na produção de álcool, monopólio da venda. Sua última frase, acerca dos métodos profiláticos, entregava aos médicos ou a Deus, as ferramentas da árdua missão: *é principalmente aos padres e aos médicos, por serem os que maior influencia exercem sobre o povo, que cabe o papel de propagandista.*<sup>255</sup>

Em artigo *Canudos na perspectiva científica*, a antropóloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros comenta que no universo da intelectualidade brasileira, a qual abarca as sociedades científicas e, por conseguinte, os médicos, havia uma atmosfera amistosa às idéias de Herbert Spencer, Cesare Lombroso, Joseph Gobineau, dentre outros cientistas comprometidos em encaminhar as questões sociais, particularmente as transformações, para o campo frenologista.<sup>256</sup>

Deste modo, a tese de Araújo Jorge Filho, imersa no pensamento da época, estendeu seu preconceito não somente a Antonio Conselheiro e seus seguidores, mas a todas àquelas vítimas do alcoolismo. Em nenhum momento a autor tocou em motivos sociais que levavam uns à *involução humana* e outros à embriaguez; latifúndio, miséria e semi-escravidão não aparecem em sua tese, esses conceitos foram transformados em *hereditários degenerados, indivíduos predispostos e alienados*.

*Feridas por projectis e seu tratamento em Campanha*, foi a tese de doutoramento defendida com plenitude por Alcides de Britto Torres, baiano, filho de João Nepomuceno Torres<sup>257</sup>, cujo trabalho foi sustentado cinco anos distante do episódio de Canudos, em 1902. Para escrever a dissertação, o então candidato ao grau de doutor lançou mão de duas bibliotecas particulares: primeiro, a dos seus professores, drs. José Olympio de Azevedo e Antonio Pacheco Mendes; e, outra, consultara o doutorando o acervo que pertencia ao Capitão do 5º de artilharia Martins Pereira, localizado no Forte do Barbalho.<sup>258</sup>

---

<sup>255</sup> Op. cit. p. 118.

<sup>256</sup> BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Canudos na perspectiva científica*. s/d. p. 1. Material consultado em: <http://www.portfolium.com.br/sites/Canudos/conteudo.asp?IDPublicacao=72> – Acesso em 21/11/2008.

<sup>257</sup> Não conseguimos completar a revisão de algumas teses devido à reforma pela qual passa o setor de pesquisa do Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia entre os meses de julho, agosto, setembro, outubro, novembro de 2008.

<sup>258</sup> TORRES, Alcides de Britto. *Feridas por projectis e seu tratamento em Campanha*. (1902). Op. cit. p. 98. O autor não menciona o nome completo do militar em destaque.



Para lidar com seu objeto de pesquisa, o doutorando Alcides Britto fizera um levantamento abrangendo mais de cinquenta autores que trabalharam em expedições militares ou escreveram a respeito do seu tema. Em espaços divididos entre a antiguidade greco-romana, Idade Média, Renascimento, e parte significativa dos séculos XVIII e XIX, sua tese menciona nomes como Ambroise Pare e Alfred-Armand-Louis-Marie Velpeau [cirurgiões franceses]; Jean Dominique Larrey e René Bertholet [o primeiro, cirurgião, o segundo, químico; os dois narraram suas experiências práticas quando as tropas napoleônicas estiveram no Egito em 1798]; George Friedrich Louis Stromeyer [cirurgião alemão na guerra envolvendo a Dinamarca, Áustria e Prússia entre 1848 e 1851]; Nikolai Ivanovich Pirogoff [cirurgião russo que atuara na Guerra da Criméia].

Nesses autores, o jovem arguente encontrara o ‘arsenal teórico’ para recompor o cenário de uma lembrança. Preocupou-se com seu trabalho em descrever a formação das feridas, com as modificações no formato e na temperatura do projétil quando do seu deslocamento até o ponto de colisão com o corpo, dedicou-se a analisar sintomas, inflamações, focos purulentos, vasos, nervos, ossos, articulações, cavidades viscerais e infecções em ambientes de guerra. Corpos estranhos que se enquistam nos tecidos e suas complicações no procedimento cirúrgico, características das feridas por granadas, morteiros, minas, análise da munição utilizada pelo Exército brasileiro com seus respectivos calibres, composição química dos explosivos, da pólvora e, por fim, tratou dos métodos contemporâneos da prática médica em Campanha.

Em 1897, ano da guerra em Canudos, Alcides de Britto Torres, então no primeiro ano do curso de medicina, fora auxiliar do professor Jorge da Moraes na Enfermaria Tillaux, estruturada no Mosteiro de São Bento da capital baiana. Suas observações, lembranças e práticas quando aluno, aparecem em suas tese de conclusão de curso. Tal experiência lhe permitiu estabelecer um estudo comparativo com as práticas cirúrgicas das guerras de outrora.

Observou o estudante no hospital em que trabalhou um caso curioso: o soldado “A...”, pois seu nome não é mencionado na tese, havia recebido um tiro de fuzil Mauser que lhe varou o peito e os dois orifícios – o da entrada e o da saída – caminhavam para o processo de cicatrização. Apesar do aspecto letal do ferimento por parecer comprometer vasos importantes do coração, o aluno notou que o soldado de nada sofria, nenhum sintoma apresentava a não ser as marcas da bala. Complementou sua observação supondo que se este caso fosse único entre os feridos que para seu hospital deram

entrada, poderia ele concluir que havia ali um caso singular. Todavia, recebera inúmeros feridos em que esta situação se repetira. Para embasar suas observações em Campanha, trouxe os resultados dos trabalhos dos cirurgiões ingleses quando da segunda Guerra dos Boërs (1899 – 1902), travada na África do Sul, em que o mesmo tiro do fuzil Mauser atravessara o peito dos soldados, mas sem causar maiores acidentes.<sup>259</sup>

No capítulo dedicado a estudar *projectis propriamente ditos*, isto é, se munição de artilharia ou infantaria e seu efeito explosivo, o estudante apresentou mais alguns exemplos de sua experiência como interno no hospital e detalhou a atitude de um soldado ante o terror da guerra. Aliás, muitos soldados adotaram a mesma conduta em todas as quatro expedições enviadas a Canudos.

“Tendo observado no Hospital de S. Bento, do qual era interno, em feridos de *Canudos*, balas deformadas de Mannlicher e Mauser, notei quase sempre rupturas da couraça, ou fendas com fraco achatamento da ponta, algumas esmagadas, com núcleo destruído, outras ficando somente com uma parte da camisa.

Não posso, sob pena de tornar-me fastidioso, descrever as deformações possíveis das balas encamisadas; basta dizer que nem mesmo as de fraco calibre 6,5<sup>mm</sup>, escapam a deformação. Nas balas de calote de ação como a suíça, sua deformação e fragmentação são fáceis, devidas a sua forma; ao choque encurva-se no nível da cobertura, podendo esta por sua vez abandonar o núcleo.

Na clínica hospitalar, raramente observei efeitos explosivos. Lembro-me de um caso típico, em um soldado ferido na palma da mão, cujo orifício de saída era no dorso menor que o de entrada, apresentando aquela forma estrelada, característica.

Despertada minha atenção para tal ferida, procurei informar-me cautelosamente, delle e de seus camaradas, concluindo que se tratava de um covarde, o qual tinha descarregado a arma a queima roupa, com o fim de se retirar do fogo; ora, o caso explicava-se, era o efeito da expansibilidade dos gases, e não da bala.”<sup>260</sup> [grifo do texto]

Mais duas passagens em seu texto possuem menção de sua experiência quando aluno primeiranista do curso de medicina. No capítulo intitulado *Complicações*, o autor dedicou-se a analisar os ferimentos por arma de fogo, sobretudo, fragmentos metálicos que eram arrastados acidentalmente para dentro do corpo. Mais, instruiu os leitores de seu trabalho que os corpos estranhos deveriam ser retirados do corpo rapidamente e com total cuidado. Concluiu dizendo que “não é raro a cirurgiões pouco hábeis procederem às explorações que taxo de bárbaras, como eu tenho visto, provocando hemorragias, irritando a ferida, causando dores intoleráveis ao ferido, com fim, muitas vezes, de balas imaginárias...”<sup>261</sup>

Para corroborar o procedimento acima, Alcides de Britto Torres trouxe à sua dissertação um praça, cujo nome consta somente a letra inicial, ‘C’, *cor preta*,

<sup>259</sup> TORRES, Alcides de Britto. (1902). Op. cit. p. 58 e 59.

<sup>260</sup> Idem. Op. cit. p. 27 a 30.

<sup>261</sup> Idem. Op. cit. p. 64 e 65.

*fortemente musculoso, alto, recebeu em Canudos uma ferida cul-de-sac<sup>262</sup> no dorso, por bala Mauser, que ficara nas massas musculares, sem sequer suspeitarmos. Quando exerceu a função de auxiliar, Alcides Torres registrou os processos de anti-sepsia, drenagem e cicatrização do ferido e concluiu: “observamos freqüentemente no referido Hospital muitos casos de eliminação dos corpos estranhos. Pode o projectil encravar-se ou enkystrar-se e produzir taes irritações que torna-se preciso extrahil-o.”<sup>263</sup>*

Outra testemunha ocular da linha de fogo, o sextanista Christiano Selmann Jr. defendera com distinção a tese *Qual o tratamento cirúrgico mais racional da Hypermetrophia da próstata* no ano de 1897. Pesquisando entre suas páginas, nada fora diretamente mencionado relativo à guerra ou ao hospital de sangue de Queimadas, onde participara como auxiliar dos médicos militares. O mesmo se repetiu quando analisamos o trabalho de doutoramento do acadêmico baiano Eduardo Britto, seu colega de turma e de hospital de sangue.

Eduardo Britto, sextanista quando da guerra contra o arraial do Conselheiro, sustentara com plenitude a tese com o título *Hypoemia Intertropical*. Consta em sua tese de doutoramento, na parte introdutória, que a confecção do trabalho não teve como objetivo apresentar uma reflexão científica ao redor do tema proposto, mas satisfazer a disposição regulamentar da Faculdade. E segue o autor: “bem sabem, os illustres mestres, que não é possível a um acadêmico depois de seis annos do trabalhoso curso e com as sérias, occupaões do internato no hospital, apresentar um trabalho completo e livre de lacunas.”<sup>264</sup>

Os capítulos do sextanista se dividem em *Esboço histórico, Synonimia, Definição, Etiologia, Symptomatologia, Diagnóstico e Tratamento*. No transcorrer de seu texto nada há relativo à sua passagem pelo hospital de sangue estabelecido na vila de Queimadas. O acadêmico conclui seu texto ressaltando que o papel do médico é investir todos os esforços para propagar a vida e, conseqüentemente, jamais fraquejar ante qualquer doença que comprometa o doente.<sup>265</sup>

Consta na capa da tese de Theotonio Martins de Almeida, quartanista de medicina quando do quartel das operações em Canudos, a seguinte frase: *ex-interno do Hospital Santa Isabel, ex-auxiliar do Chefe do Serviço Sanitário e Favellas (Canudos)*.

---

<sup>262</sup> Significa que o projétil não atravessara o corpo.

<sup>263</sup> TORRES, Alcides de Britto. (1902). Op. cit. p. 66.

<sup>264</sup> BRITTO, Eduardo. *Hypoemia Intertropical*. Ano: 1897. In: AFMB – THESES. Código da tese: 097 – E.

<sup>265</sup> Idem. p. 34.

Theotonio de Almeida fizera parte da primeira turma enviada a guerra, passara o acadêmico pelo hospital da linha de fogo, mas, também, os da retaguarda instalados em Queimadas e Monte Santo.

Em 1899, Theotonio de Almeida recebera, com distinção, o grau de *Doutor em Sciencias Medico-Cirurgicas* sustentando à Faculdade um estudo a respeito de um medicamento chamado *Protargol*. Suas observações a respeito do medicamento centraram-se em suas atividades quando interno no Hospital Santa Izabel, e nada foi relatado sobre sua passagem pelos hospitais de sangue do Exército há dois anos dali.

Vitor Francisco Gonçalves, filho de Cândida Augusta Nogueira Gonçalves e Joaquim Francisco Gonçalves, era aluno da 6ª série do curso de medicina e fora com a primeira turma de expedicionários da FMB ao hospital de sangue em Monte Santo. Na capa de sua tese lê-se a seguinte sentença: *Pharmaceutico pela mesma Faculdade, Interno dos Hospitais de Sangue de Canudos na expedição Artur Oscar*. Vitor Gonçalves doutorou-se com distinção em 1898, um ano após a guerra, e sua tese intitula-se *A conservação dos grandes traumatismos dos membros*.

No transcórper do seu prólogo, Vitor Francisco Gonçalves relatou que ao concluir o tirocínio acadêmico, não possuía uma soma de conhecimento capaz de elaborar uma dissertação de tamanha importância sobre cirurgia ou medicina e, na obrigação da tese, resolveu o autor lançar às páginas do trabalho algumas considerações sobre suas observações no Hospital, mas não revelou o nome do estabelecimento. Dentre suas observações, nada fora comentado sobre suas práticas como auxiliar dos médicos-militares na vila de Monte Santo.

Adolpho Vianna, testemunha ocular já destacada no capítulo anterior, registrou, em sua tese *Hygiene nos Hospitales*, que na Bahia não havia hospitais permanentes e exclusivamente dedicados à população acometida por varíola e febre amarela. Comentou o autor que no ano de 1897, isto é, ano da guerra em Canudos, a epidemia de varíola predominou na capital baiana e apesar dos esforços do governo Luis Viana, das secretarias, dos médicos e das comissões de higiene, poucos foram os resultados obtidos. De acordo com o doutorando, mais sucessos teriam as medidas se ali houvesse um hospital de isolamento bem organizado e com um pessoal apto à prestar serviços aos epidêmicos.<sup>266</sup>

---

<sup>266</sup> VIANNA, Adolpho. *Hygiene dos Hospitales*. Ano: 1898. p. 50 e 51. In: AFMB – THESES. Código da tese: 098 – E.

No capítulo V de sua dissertação, Adolpho Vianna comenta que *durante os três últimos anos de tirocínio escolar* frequentara com assiduidade o Hospital Santa Izabel, localizado na capital baiana. Embora nada apareça em sua tese sobre a Campanha de Canudos, transcrevemos inúmeros casos de transferências de militares ao referido hospital que constam nos relatórios dos professores da Faculdade de Medicina naquele ano de 1897, por exemplo, o relatório entregue ao diretor da FMB pelo professor Fortunato da Silva, lente da disciplina de Operações e aparelhos, o médico relatou que: “sahiram curados, no dia 4 do corrente [setembro], os doentes que ocuparam os leitos n.ºs 14, 52, 62, 71 e hoje dous outros, também curados, que estavam nos leitos n.º 41 e 60. Foi transferido para o hospital de Santa Izabel, a fim de tratar-se de uma afecção occular, o doente do leito n.º 61.”<sup>267</sup> [grifo nosso]

Deodoro Álvares Soares, baiano, filho de Joaquina Mamede de Araújo Soares e Álvaro Ernestino Soares, cursava a 4ª série e trabalhara na Enfermaria Kekulé quando irrompeu a quarta expedição ao vilarejo conselheirista. Formado em 1899, apresentara à Faculdade a tese *Alguns traços de nossa população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista*. Em suas páginas iniciais, ao estudar os delineamentos étnicos e antropológicos do Brasil, embasado na literatura do jurista sergipano Silvio Romero<sup>268</sup>, Deodoro Soares afirmou que o brasileiro era um ser leviano, mais dedicado à querela que propriamente à capacidade inventiva; mais lunático que afeito às idéias científicas. Comentou, ainda, que entre os brasileiros não havia ciência, muitos menos a existência de um célebre Shakespeare ou Goethe... Estávamos então mergulhados no mais profundo universo fantástico e com ouvidos atentos a “mystica ridícula do beato enfermo e fanático.”<sup>269</sup>

O século XIX projetara a *ciência* como responsável pela explicação do mundo e no que concerne ao Brasil, as comunidades científicas seriam as responsáveis por projetar uma identidade eminentemente brasileira e, análogo a isso, lançar um país moderno ao cenário internacional, essencialmente europeu. Nos gabinetes em que se discutiam a chamada *missão civilizatória da ciência* que, dentre outros intelectuais, inclui a figura de Sylvio Romero, havia o consenso de que o futuro étnico do país dependia dos intelectuais, responsáveis por interpretar a diversidade brasileira.

---

<sup>267</sup> AFMB – Caixa Ano 1897: código. 01.07.0574. Maço documentação referente à Guerra de Canudos.

<sup>268</sup> ROMERO, Sylvio. *A Phylosophia no Brasil – ensaio critico*. Porto Alegre: Typographia da “Deutsche Zeitung”, 1878.

<sup>269</sup> SOARES, Deodoro Álvares. *Alguns traços de nossa população sob o ponto de vista higiênico e evolucionista*. Ano: 1899. In: AFMB – THESES. Código da tese: 099 – E.

Estabelecer uma identidade genuinamente nacional, como já destacamos, era pauta nos gabinetes dos bacharéis da república, não só, mas essencialmente entre as faculdades de medicina e de direito. Dentro dos espaços acadêmicos eram diagnosticados os problemas do Brasil e os métodos a serem empregados para que o país caminhasse em direção ao *progresso*, fosse por bem ou por mal.

Entre *idiossincráticos, fanáticos, degenerados, criminosos e bêbados*,... Antonio Vicente Mendes Maciel e seus seguidores saíram da caatinga e ganharam as páginas das dissertações de doutoramento de alguns alunos da faculdade. As teses, apesar de alguns formandos a considerarem fastidiosa, se apresentaram como uma outra ferramenta de manifestação dos estudantes, isto é, um outro espaço de produção intelectual, junto com jornais e outras formas de divulgação de idéias.

Em alguns casos, os alunos carregaram suas observações e práticas adquiridas com os feridos da guerra para o campo da história da medicina militar, fez-se ali predominar a idéia de Roy Porter em que “muitos cirurgiões aprenderam ou desenvolveram a arte de cortar no exército – o campo de batalha era, proverbialmente, a escola de cirurgia.”<sup>270</sup>

Outros estudantes apontaram que o tempo desprendido para trabalho nas enfermarias, fosse em Canudos ou em Salvador, constitui um empecilho à confecção da dissertação. Ao analisar as teses e suas teorias supracitadas, ao menos as poucas que conseguimos transcrever, notamos que, para alguns acadêmicos, Canudos significou um dos vários *problemas sociais* em evidência no final do século XIX e, ao mesmo tempo, um empecilho para confecção do trabalho de conclusão de curso.

Percebemos em alguns trabalhos supracitados que havia uma tentativa de pensar cientificamente o Brasil, ou melhor, determinar como deveria ser socialmente composto o país sob o manto de Cesare Lombro e Enrico Ferri. Escrever um trabalho de final de curso propondo analisar os aspectos sociais que proporcionaram a gênese do arraial de Canudos, ou seja, latifúndio, semi-escravidão e miséria, o aluno poderia destoar *da ordem natural das coisas*.

Centenas de teses de doutoramento da Faculdade de Medicina deveriam ser analisadas para que categoricamente pudéssemos apontar um consenso entre os estudantes que participaram do episódio *Canudos*, tanto os que auxiliaram seus professores na capital, quanto os que foram à linha de fogo. O que conseguimos

---

<sup>270</sup> PORTER, Roy. *Das tripas coração – uma breve história da medicina*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 140.

sublinhar é que muitos dos acadêmicos em processo de formatura e outros ainda inexperientes, propagaram o que havia de corrente na literatura científica acerca dos homens e mulheres que viviam no arraial do Conselheiro, subscreveram a idéia da *Canudos bárbara*. Caminharam os alunos pelas mesmas estradas teóricas de seus professores, se não todos, ao menos alguns. Aliás, quem ali faria o contrário? Se houve, só ouvindo aquelas centenas de vozes que ainda carecem de estudo...